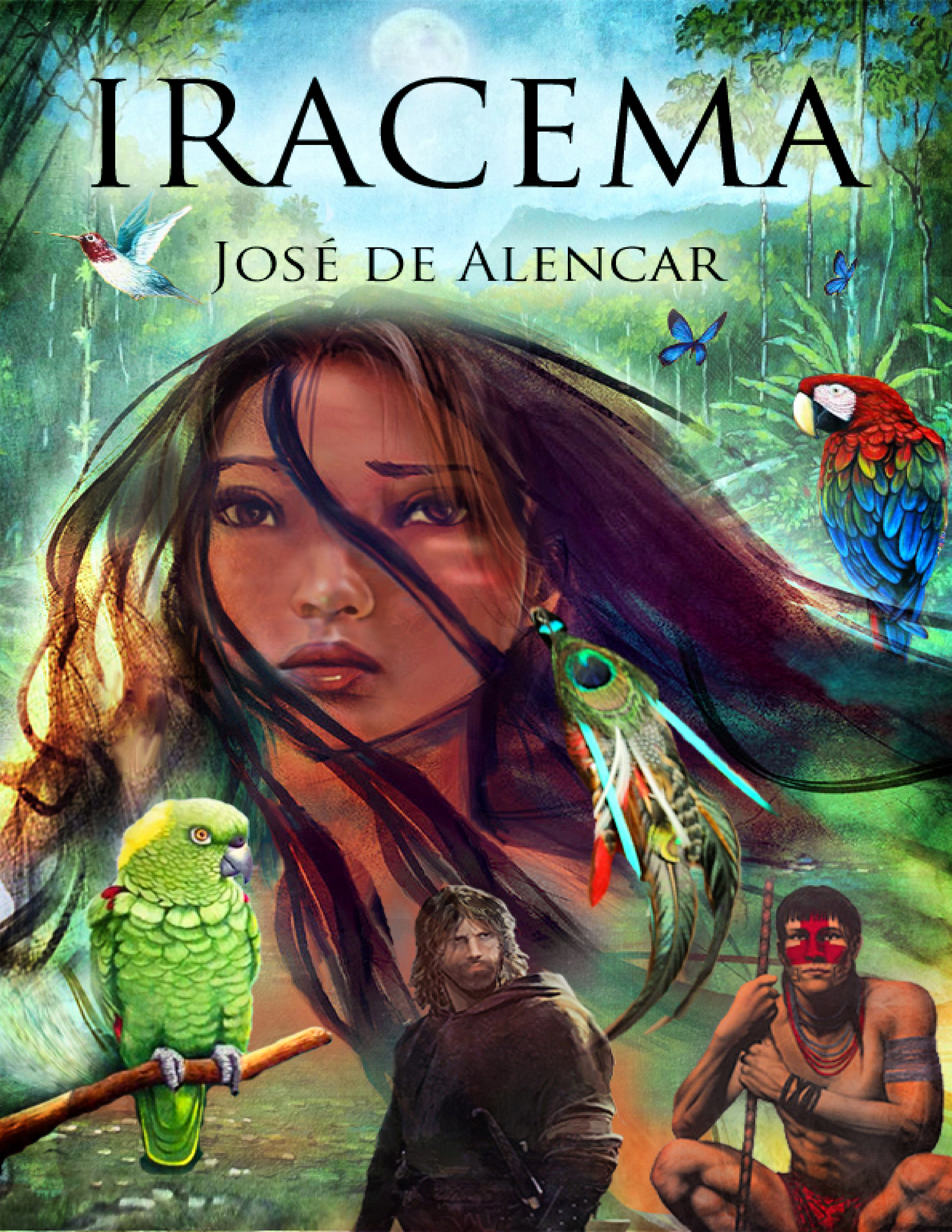

IRACEMA
José de Alencar

IRACEMA

JOSÉ DE ALENCAR

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

CAPÍTULO 1

Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia *(em tupi: “pássaro alegre”)* nas frondes da carnaúba *(uma árvore da família da palmeiras)*.

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do Sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.

Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcíone *(uma ave)* à procura o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o frágil barco que vai singrando veloz, mar afora.

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

— Iracema!...

O jovem guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra; a espaços o olhar empanado por ténue lágrima cai sobre o jirau(*), onde

folgam as duas inocentes criaturas, companheiras do seu infortúnio.

[(*) jirau era uma espécie de estrado de varas. Era usado pelos indígenas para diversas coisas – para se sentarem, para dormirem ou para colocarem ao sol objetos ou alimentos que precisassem de secar. Nas jangadas, que é o que a que se refere o texto, o jirau era usado para acomodar os passageiros.]

Nesse momento o lábio arranca de alma um agro sorriso.

Que deixara ele na terra do exílio?

Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a Lua passeava no céu a argentear os campos, e a brisa rugitava nos palmares.

Refresca o vento.

O rugido das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas; desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares; e a borrasca(*) enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

[(*)Borrasca = temporal com ventania violenta e de pouca duração.]

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje nalguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas auras; e para ti jaspeie a bonança mares de leite.

Enquanto vogas assim à discrição do vento, airoso barco, volva às brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa.

CAPÍTULO 2

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna(1*), e mais longos que o seu talhe (2*) de palmeira.

[(*)1 - A graúna (derivado do tupi "guira-una" = ave preta) é uma ave típica do brasil. É parecida com um melro. 2 – talhe é um tipo de vestiário, neste caso alguns entrelaçado de folhas de palmeira que Iracema usava à cintura para cobrir a nudez.]

O favo da jati *(abelha)* não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como o seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava a sua guerreira tribo, da grande nação Tabajara (*). O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

[(*) Os Tabajara eram um povo indígena da nação Tupi que habitava as regiões costeiras do Brasil mas nas suas partes limítrofes, isto é, entre o interior profundo do Brasil e o mar, preferindo a selva à zona marítima. Os Tabajara, ao contrário de outros, eram um povo que tanto estabelecia relações de reciprocidade com os portugueses como de guerra, alternadamente, não sendo dos povos que os portugueses melhor se relacionaram ao início.]

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava num claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica *(tipo de*

árvore), mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os húmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar *(orvalho)* da água ainda a roreja, como à doce mangaba *(uma fruta)* que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas do seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no ramo próximo, o canto agreste.

A graciosa ará (1*), a sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru (2*) de palha matizada, onde traz a selvagem os seus perfumes, os alvos fios do crautá (3*), as agulhas da juçara (4*) com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

[(*) 1 - Ará = ave parecida com o periquito. O nome da ave "Arará" vêm da Ará, querendo dizer que era uma ave parecida com a Ará mas de maiores dimensões. 2 – Uru = cesto que servia de cofre às mulheres para guardar os seus objetos de mais preço e estimação. 3- Crautá = planta tropical, também chamada de Bromélia. Dela tiram-se fibras tão ou mais finas que as do linho. 4- Juçara = palmeira de grandes espinhos, das quais serviam-se para dividir os fios do crautá.]

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; a sua vista perturba-se.

Diante dela e a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão ágil caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O jovem guerreiro aprendeu na religião da sua mãe que a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais de alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba(*), e correu para o guerreiro, com pena da mágoa que causara.

[(*)Uiraçaba (Uira = seta + çaba = coisa própria) é uma aljava indígena, ou seja, o recetáculo onde se guardam as setas e que se põem, a tiracolo, atrás das costas.]

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassivamente o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro disse:

— Quebras comigo a flecha da paz? (*)

[(*) Quebrar uma flecha e dar uma metade ao adversário era um costume e um sinal de paz.]

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem dos meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de muito longe, filha das florestas. Venho das terras que os teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

— Bem-vindo seja, ó estrangeiro, aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

CAPÍTULO 3

O estrangeiro seguiu a virgem através da floresta.

Quando o Sol descambava sobre a crista dos montes, e a rola desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, eles descobriram no vale a grande taba (tribo ou povoamento índio); e mais longe, pendurada no rochedo, à sombra dos altos juazeiros, a cabana do pajé. (*)

[(*) O Pajé era ao mesmo tempo curandeiro e chefe religioso. Não havia tribo ou taba sem um. Era a ele que competia curar os males daqueles que ficavam doentes, tal como era ele que presidia às cerimónias religiosas e interpretava a vontade dos deuses. Era o segundo homem mais importante de uma tribo; acima dele estava apenas o chefe da aldeia, mas mesmo esse regia-se pelos seus avisos e conselhos.]

O ancião fumava à porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando nos sagrados ritos de Tupã.(*) O ténue sopro da brisa carmeava, como frocos de algodão, os compridos e raros cabelos brancos. De imóvel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas.

[(*) Tupã (que na língua tupi significa trovão) é uma entidade da mitologia dos índios brasileiros tupi-guarani. Os jesuítas julgaram que Tupã, tantas vezes referenciado, era o seu maior deus. Na verdade Nhanderuvuçu é que é o seu deus supremo e Tupã o seu mensageiro, criado para controlar o clima, o tempo e o vento. Tupã manifesta-se com os raios, trovões, relâmpagos, ventos e tempestades. Tupã era pois o equivalente a Thor, da mitologia nórdica e Nhanderuvuçu, o equivalente a Odin.]

O pajé lobrigou os dois vultos que avançavam e pensou ver a sombra de uma árvore solitária que vinha alongando-se pelo vale fora.

Quando os viajantes entraram na densa penumbra do bosque, então o seu olhar como o do tigre, afeito às trevas, conheceu Iracema e viu que seguia-a um jovem guerreiro, de estranha raça e longes terras.

As tribos Tabajaras, de além da Ibiapaba (*), falavam de uma nova raça de guerreiros, alvos como flores de borrasca, e vindos de remotas praias até às margens do Mearim *(um rio brasileiro).*

[(*)Ibiapaba = é o nome de uma fila de montanhas que localiza-se na atual fronteira dos estados do Ceará e Piauí fazendo a sua separação. Os indígenas encaravam toda essa linha montanhosa como uma única montanha.]

O ancião pensou que fosse um guerreiro semelhante, aquele que pisava os campos nativos.

Tranquilo, esperou.

A virgem aponta para o estrangeiro e diz:

— Ele veio, pai.

— Veio bem. É Tupã que traz o hóspede à cabana de Araquém.

Dizendo isto, o pajé passou o cachimbo ao estrangeiro; e entraram ambos na cabana.

O jovem sentou-se na rede principal, suspensa no centro da habitação.

Iracema acendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede: trouxe o resto da caça, a farinha-d'água, os frutos silvestres, os favos de mel e o licor de caju e ananás.

Depois a virgem entrou com a igaçaba, *(pote)* que enchera na fonte próxima de água fresca para lavar o rosto e as

mãos do estrangeiro.

Quando o guerreiro terminou a refeição, o velho pajé apagou o cachimbo e disse:

— Vieste?

— Vim, respondeu o desconhecido.

— Bem vieste.(*) O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os Tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Diz, e todos te obedecerão.

[(*) Este era o cumprimento usual de saudação: — Ere ioubê (vieste?); — Pa-aiotu (vim, sim.); — Auge-be (bem vieste). Que corresponde aos: "Está tudo bem?" "Bem-vindo"]

— Pajé, eu agradeço o agasalho que me deste. Assim que o Sol nascer, deixarei a tua cabana e os teus campos aonde cheguei perdido; mas não devo deixá-los sem dizer-te quem é o guerreiro, que fizeste amigo.

— Foi a Tupã que o pajé serviu: ele te trouxe, ele te levará. Araquém nada fez pelo hóspede; não pergunta de onde vem, e quando vai. Se queres dormir, desçam sobre ti os sonhos alegres; se queres falar, o teu hóspede escuta.

O estrangeiro disse:

— Sou dos guerreiros brancos, que levantaram a taba *(aldeia; povoação)* nas margens do Jaguaribe *(um rio)*, perto do mar, onde habitam os Potiguaras (*), inimigos da tua nação.

[(*) Os Potiguaras eram um povo Tupi que habitava as zonas junto às praias e vivia sobretudo da pesca. Os Potiguaras não foram dos primeiros índios brasileiros a tomarem contacto com os portugueses mas foram os primeiros a

estabelecerem boas relações com estes e foram dos seus grandes aliados contra outros povos índios e contra os franceses e holandeses.]

O meu nome é Martim, que na tua língua dir-se-ia “filho de guerreiro”(*); o meu sangue é o do grande povo que primeiro viu as terras da tua pátria. Já os meus destroçados companheiros voltaram por mar às margens do Paraíba, de onde vieram; e o chefe, desamparado dos seus, atravessa agora os vastos sertões do Apodi. Só eu de tantos fiquei, porque estava entre os Potiguaras de Acaraú, na cabana do bravo Poti, irmão de Jacaúna, que plantou comigo a árvore da amizade. Há três sóis partimos para a caça; e perdido dos meus, vim parar aos campos dos Tabajaras.

[(*) Martim, nome de origem latina, procede de Marte, o deus romano da Guerra, daí o sentido que ele dá ao seu nome, a dizer-se “filho de guerreiro”.]

— Foi algum mau espírito da floresta que cegou o guerreiro branco no escuro da mata, respondeu o ancião.

A acauã piou, além, no extremo do vale. Caía a noite.

CAPÍTULO 4

O pajé vibrou o maracá (*), e saiu da cabana, porém o estrangeiro não ficou só.

[(*) Maracá = chocalho indígena utilizado em festas e cerimónias religiosas. É feito de uma cabaça seca, desprovida de miolo, na qual se metem pequenas pedras ou caroços para se produzir o som do chocalho.]

Iracema voltara com as mulheres chamadas para servir o hóspede de Araquém, e os guerreiros vindos para obedecer-lhe.

— Guerreiro branco, disse a virgem, que o prazer embale a tua rede durante a noite; e o Sol traga luz aos teus olhos e alegria à tua alma.

E ao assim dizer, Iracema tinha o lábio trémulo, e húmida a pálpebra.

— Tu deixas-me? perguntou Martim.

— As mais belas mulheres da grande taba contigo ficam. (*)

[(*) Era costume oferecer mulheres aos convidados para estas satisfazerem todas as suas necessidades, inclusive as sexuais.]

— Para elas a filha de Araquém não devia ter conduzido o hóspede à cabana do pajé.

— Estrangeiro, Iracema não pode ser tua serva. É ela que guarda o segredo da jurema (*) e o mistério do sonho.

A sua mão fabrica para o pajé a bebida de Tupã.

[(*) Jurema (Ju = espinho + rema = mau cheiro), é uma árvore de folhagem espessa e de um fruto excessivamente amargo, de cheiro acre. Desse fruto e das folhas, juntamente com outros ingredientes secretos, fazia-se uma bebida que tinha o efeito do haxixe e provocava alucinações. Dizia-se que dava a revelar sonhos proféticos. A fabricação desse licor era um segredo, explorado pelos pajés, em proveito da sua influência nas tribos.]

O guerreiro cristão atravessou a cabana e sumiu-se na treva.

A grande taba erguia-se no fundo do vale, iluminada pelos fachos da alegria. Rugia o maracá; ao quebro lento do canto selvagem, batia a dança em trono a rude cadência. O pajé inspirado conduzia o sagrado tripúdio (ritual) e dizia ao povo crente os segredos de Tupã.

O maior chefe da nação Tabajara, Irapuã, descera do alto da serra Ibiapaba, para levar as tribos do sertão contra o inimigo Potiguara. Os guerreiros do vale festejam a vinda do chefe, e o próximo combate.

O jovem cristão viu longe o clarão da festa, e passou além, e olhou o céu azul sem nuvens. A estrela morta, que então brilhava sobre a cúpula da floresta, guiou o seu passo firme para as frescas margens do rio Acaraú.

Quando ele passou o vale e ia penetrar na mata, o vulto de Iracema surgiu. A virgem seguira o estrangeiro como a brisa sutil que resvala sem murmurejar por entre a ramagem.

— Porquê, disse ela, o estrangeiro abandona a cabana hospedeira sem levar o presente da volta? Quem fez mal ao guerreiro branco na terra dos Tabajaras?

O cristão sentiu quanto era justa a queixa; e achou-se ingrato.

— Ninguém fez mal ao teu hóspede, filha de Araquém. Era o desejo de ver os seus amigos que o afastava dos campos dos Tabajaras. Não levava o presente da volta; mas leva na sua alma a lembrança de Iracema.

— Se a lembrança de Iracema estivesse na alma do estrangeiro, ela não o deixaria partir. O vento não leva a areia da várzea, quando a areia bebe a água da chuva.

A virgem suspirou:

— Guerreiro branco, espera que Caubi volte da caça. O irmão de Iracema tem o ouvido sutil que pressente a boicininga *(uma serpente)* entre os rumores da mata; e o olhar do oitibó *(ave de rapina noturna)* que vê melhor na treva. Ele te guiará às margens do rio das garças.

— Quanto tempo se passará antes que o irmão de Iracema esteja de volta na cabana de Araquém?

— O Sol, que vai nascer, voltará com o guerreiro Caubi aos campos do Ipu.

— O teu hóspede espera, filha de Araquém; mas se o Sol, voltando, não trouxer o irmão de Iracema, ele levará o guerreiro branco à taba dos Potiguaras.

Martim voltou à cabana do pajé.

A alva rede que Iracema perfumara com a resina do benjoim guardava-lhe um sono calmo e doce.

O cristão adormeceu ouvindo suspirar, entre os murmúrios da floresta, o canto mavioso da virgem índia.

CAPÍTULO 5

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho. O seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Ainda a sombra cobre a terra. Já o povo selvagem colhe as redes na grande taba e caminha para o banho. O velho pajé que velou toda a noite, falando às estrelas, conjurando os maus espíritos das trevas, entra furtivamente na cabana.

Eis então que ressoa o boré *(flauta de bambu)* pela amplidão do vale.

Agarram nas armas os rápidos guerreiros, e correm para fora. Quando estavam todos na vasta ocara *(praça da taba)* circular, Irapuã, o chefe, soltou o grito de guerra:

— Tupã deu à grande nação Tabajara toda esta terra. Nós guardamos as serras, onde nascem os rios, com os frescos ipus onde cresce a maniva e o algodão; e abandonamos ao bárbaro Potiguara, comedor de camarão (*), as areias nuas do mar, com as secas terras sem água e sem florestas.

[(*) Potiguara significa, literalmente, “comedor de camarão”. Mais tarde, vários descendentes da tribo dos Potiguaras adotaram, ao serem submetidos ao batismo cristão, o sobrenome "Camarão"]

Agora os pescadores da praia, sempre vencidos, deixam vir pelo mar a raça branca dos guerreiros de fogo, inimigos de Tupã. Os emboabas *(estrageiros)* já estiveram no Jaguaribe; logo estarão nos nossos campos; e com eles os Potiguaras. Faremos nós, senhores das aldeias, como a pomba, que se encolhe no seu ninho, quando a serpente se enrosca pelos ramos?

O irado chefe brande o tacape *(arma de guerra dos índios)* e arremessa-o para meio do campo. Derrubando a cara, cobre o rúbido olhar:

— Assim disse Irapuã.

O mais novo dos guerreiros avança:

— O gavião paira nos ares. Quando a nambu *(pequena ave)* levanta, ele cai das nuvens e rasga as entranhas da vítima. O guerreiro Tabajara, filho da serra, é como o gavião.

Soa e ressoa a pocema(*) da guerra.

[(*) Grande alarido que faziam os índios nas ocasiões solenes, como ao inicio de batalha, ou nas expansões da alegria. É o mesmo que um grito de guerra.]

O jovem guerreiro ergueu o tacape e por sua vez brandiu-o. Girando no ar, rápida e ameaçadora, a arma do chefe passou de mão em mão.

O velho Andira, irmão do pajé, deixou-a cair, e calcou-a no chão, com o pé ainda ágil e firme.

Pasma-se o povo Tabajara da ação desusada. Um voto de paz em tão provado e impetuoso guerreiro! É o velho herói, que cresceu na sanha *(fúria)*, crescendo nos anos, é o feroz Andira quem derrubou o tacape, anúncio da próxima luta?

Incertos e mudos, todos escutaram as palavras de Andira:

— Andira, o velho Andira, bebeu mais sangue na guerra do que já beberam cauim (*) nas festas de Tupã, de todos quantos guerreiros ilumina agora a luz dos seus olhos. Ele viu mais combates na sua vida, do que luas lhe despiram a cara. Quanto crânio de Potiguara escalpelou a sua mão implacável, antes que o tempo lhe arrancasse o primeiro cabelo? E o velho Andira nunca temeu que o inimigo

pisasse a terra dos seus pais; mas alegrava-se quando ele vinha, e sentia com o faro da guerra a juventude renascer no corpo decrépito, como a árvore seca renasce com o sopro do inverno. A nação Tabajara é prudente. Ela deve encostar o tacape da luta para tanger o membi *(flauta de osso)* da festa. Celebra, Irapuã, a vinda dos emboabas *(estrangeiros)* e deixa que cheguem todos aos nossos campos. Então Andira promete-te o banquete da vitória.

[(*) Cauim é uma bebida alcoólica tradicional dos povos indígenas do Brasil desde tempos pré-colombianos. É feito através da fermentação do milho, às vezes misturados com sucos de fruta.]

Desabriu enfim Irapuã a funda cólera:

— Fica tu, escondido entre as igaçabas *(jarras)* de vinho, fica, velho morcego (*), porque temes a luz do dia, e só bebes o sangue da vítima que dorme. Irapuã leva a guerra no punho do seu tacape. O terror que ele inspira voa com o rouco som do boré. O Potiguara já tremeu ouvindo-o rugir na serra, mais forte que o ribombo do mar.

[(*)Andira, quer dizer, literalmente, “morcego”.]

CAPÍTULO 6

Martim vai a passo e passo por entre os altos juazeiros *(árvores típicas brasileiras)* que cercam a cabana do pajé.

Era o tempo em que o doce aracati *(brisa marítima)* chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo árido sertão. A planta respira; um doce arrepio eriça a verde cama da floresta.

O cristão contempla o pôr do Sol. A sombra, que desce dos montes e cobre o vale, penetra-lhe na alma. Lembra-se do lugar onde nasceu, dos entes queridos que ali deixou. Sabe ele se os tornará a ver algum dia?

Em torno carpe a natureza, o dia que expira. Soluça a onda trépida e lacrimosa; geme a brisa na folhagem; o mesmo silêncio anela de aflito.

Iracema olha para o jovem guerreiro e diz:

— É a presença de Iracema que perturba a serenidade no rosto do estrangeiro?

Martim pousou brandos olhos na face da virgem:

— Não, filha de Araquém: a tua presença alegra, como a luz da manhã. Foi a lembrança da minha pátria que trouxe a saudade ao coração pressago.

— Uma noiva te espera?

O forasteiro desviou os olhos. Iracema dobrou a cabeça sobre o ombro, como a tenra palma da carnaúba *(uma árvore)*, quando a chuva peneira na várzea.

— Ela não é mais doce do que Iracema, a virgem dos lábios de mel, nem mais formosa! murmurou o estrangeiro.

— A flor da mata é formosa quando tem rama que a abrigue, e tronco onde se enlace. Iracema não vive na alma de um guerreiro: nunca sentiu a frescura do seu sorriso.

Emudeceram ambos, com os olhos no chão, escutando a palpitação dos seios que batiam opressos.

A virgem disse por fim:

— A alegria voltará logo à alma do guerreiro branco; porque Iracema quer que ele veja antes da noite a noiva que o espera.

Martim sorriu do ingénuo desejo da filha do pajé.

— Vem! disse a virgem.

Atravessaram o bosque e desceram ao vale.

Onde morria a falda da colina o arvoredo era basto: densa abóbada de folhagem verde-negra cobria o ádito agreste, reservado aos mistérios do rito bárbaro.

Era de jurema o bosque sagrado. Em torno corriam os troncos rugosos da árvore de Tupã; dos ramos pendiam ocultos pela rama escura os vasos do sacrifício; lastravam o chão as cinzas do extinto fogo que servira na festa da última lua.

Antes de penetrar no recôndito sítio, a virgem que conduzia o guerreiro pela mão hesitou, inclinando o ouvido sutil aos suspiros da brisa. Todos os ligeiros rumores da mata tinham uma voz para a selvagem filha do sertão. Nada havia porém de suspeito no intenso respirar da floresta.

Iracema fez ao estrangeiro um gesto de espera e silêncio, e depois desapareceu no mais sombrio do bosque. O Sol ainda pairava suspenso no horizonte da serrania; e já noite profunda enchia aquela solidão.

Quando a virgem voltou, trazia numa folha gotas de verde e estranho licor vazadas da igaçaba, que ela tirara do seio da

terra. Apresentou ao guerreiro a taça agreste.

— Bebe!

Martim sentiu perpassar nos olhos o sono da morte; porém logo a luz inundou-lhe o peito de alma. A força exuberou no seu coração. Reviveu os dias passados melhor do que os tinha vivido; fruiu a realidade das suas mais belas esperanças. (*)

[(*) A tal bebida usada nos rituais sagrados era na verdade um licor de ervas com propriedades alucinogénias, tal como o haxixe e outras drogas de efeitos similares.]

Ei-lo que volta à terra natal, abraça a sua velha mãe, revê mais lindo e terno o anjo puro dos amores infantis.

Mas porquê, mal volta ao berço da pátria, o jovem guerreiro novamente abandona o teto paterno e demanda o sertão?

Já atravessa as florestas; já chega aos campos do Ipu. Busca na selva a filha do pajé. Segue o rastro ligeiro da virgem arisca, soltando à brisa com o crebro suspiro o doce nome:

— Iracema! Iracema!...

Já a alcança e cinge-lhe o braço pelo corpo esbelto.

Cedendo à meiga pressão, a virgem reclinou-se ao peito do guerreiro, e ficou ali trémula e palpitante como a tímida perdiz, quando o terno companheiro lhe arrufa com o bico a macia penugem.

O lábio do guerreiro suspirou mais uma vez o doce nome, e soluçou, como a chamar o outro lábio amante. Iracema sentiu que a sua alma se escapava para embeber-se no ósculo ardente.

E a cara reclinara, e a flor do sorriso desabrochava já para deixar-se colher.

De súbito a virgem tremeu; soltando-se rapidamente do braço que a abraçava, agarrou no arco.

CAPÍTULO 7

Iracema passou entre as árvores, silenciosa como uma sombra; o seu olhar cintilante coava entre as folhas, como frouxos raios de estrelas; ela escutava o silêncio profundo da noite e aspirava as auras sutis que aflavam.

Parou. Uma sombra resvalava entre a rama; e nas folhas crepitava um passo ligeiro que não era o roer de algum inseto. A pouco e pouco o ténue rumor foi crescendo e a sombra avultou.

Era um guerreiro. De um salto a virgem estava em frente dele, trémula de susto e mais de cólera.

— Iracema! exclamou o guerreiro recuando.

— Anhangá (*) perturbou sem dúvida o sono de Irapuã, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde nenhum guerreiro penetra sem a vontade de Araquém.

[(*)Anhangá = nome de um espírito maligno]

— Não foi Anhangá, mas a lembrança de Iracema, que turbou o sono do primeiro guerreiro Tabajara. Irapuã desceu do seu ninho de águia para seguir na várzea a garça do rio. Chegou, e Iracema fugiu dos seus olhos. As vozes da taba contaram ao ouvido do chefe que um estrangeiro tinha vindo à cabana de Araquém.

A virgem estremeceu. O guerreiro cravou nela o olhar abrasado:

— O coração aqui no peito de Irapuã ficou tigre. Saltou de raiva. Veio farejar a presa. O estrangeiro está no bosque,

e Iracema acompanhava-o. Quero beber-lhe o sangue todo! Quando o sangue do guerreiro branco correr nas veias do chefe Tabajara, talvez a filha de Araquém o passe a amar.

A pupila negra da virgem cintilou na treva, e do seu lábio borbulhou, como gotas do leite cáustico da euforia, um sorriso de desprezo:

— Nunca Iracema daria o seu seio, que o espírito de Tupã habita só, ao guerreiro mais vil dos guerreiros Tabajaras! Torpe é o morcego porque foge da luz e bebe o sangue da vítima adormecida!...

— Filha de Araquém, não assanha o jaguar! O nome de Irapuã voa mais longe que o goaná *(pato bravo)* do lago, quando sente a chuva além das serras. Que o guerreiro branco venha, e o seio de Iracema se abra para o vencedor.

— O guerreiro branco é hóspede de Araquém. A paz o trouxe aos campos do Ipu, a paz o guarda. Quem ofender o estrangeiro, ofende o pajé.

Rugiu de raiva o chefe Tabajara:

— A raiva de Irapuã só ouve agora o grito da vingança. O estrangeiro vai morrer.

— A filha de Araquém é mais forte que o chefe dos guerreiros, disse Iracema puxando da inúbia *(flauta indígena)*. Ela tem aqui a voz de Tupã, que chama o seu povo.

— Mas ela não chamará! respondeu o chefe escarnecendo.

— Não, porque Irapuã vai ser punido pela mão de Iracema. O seu primeiro passo, é o passo da morte.

A virgem retraiu de um salto o avanço que tomara, e vibrou o arco. O chefe cerrou ainda o punho ao redor do formidável tacape *(arma)*; mas pela primeira vez sentiu que

lhe pesava o braço robusto. O golpe que devia ferir Iracema, ainda não alçado, já lhe trespassava, a ele próprio, o coração.

Percebeu que quanto mais o varão é forte, pela sua mesma fortaleza, é mais vencido das grandes paixões.

— A sombra de Iracema não esconderá para sempre o estrangeiro à vingança de Irapuã. Vil é o guerreiro, que se deixa proteger por uma mulher.

E dizendo estas palavras, o chefe desapareceu entre as árvores. A virgem sempre alerta, voltou para o cristão adormecido; e velou o resto da noite ao seu lado. As emoções recentes que agitaram a sua alma, abriram-na ainda mais à doce afeição que iam filtrando nela os olhos do estrangeiro.

Desejava abrigá-lo contra todo o perigo, recolhê-lo em si como num asilo impenetrável.

Acompanhando o pensamento, os seus braços cingiam a cabeça do guerreiro, e seguravam-na junto ao seio.

Mas quando passou a alegria de o ver salvo dos perigos da noite, entrou-lhe a mais viva inquietação, com a lembrança dos novos perigos que iam surgir.

— O amor de Iracema é como o vento dos areais; mata a flor das árvores, suspirou a virgem.

E afastou-se lentamente.

CAPÍTULO 8

A alvorada abriu o dia e os olhos do guerreiro branco. A luz da manhã dissipou os sonhos da noite, e arrancou da sua alma a lembrança do que sonhara. Ficou apenas um vago sentir, como fica no arbusto o perfume do cato que o vento da serra desfolha na madrugada.

Não sabia onde estava.

À saída do bosque sagrado encontrou Iracema: a virgem reclinava num tronco áspero do arvoredo; tinha os olhos no chão; o sangue fugira-lhe das faces; o coração tremia-lhe nos lábios, como gotas de orvalho nas folhas do bambu.

Não tinha sorrisos, nem cores, a virgem Índia; não tem borbulhas, nem rosas, a acácia que o sol crestou; não tem azul, nem estrelas, a noite que enlutam os ventos.

— As flores da mata já abriram aos raios do Sol; as aves já cantaram, disse o guerreiro. Porque só Iracema curva a cara e emudece?

A filha do pajé estremeceu. Assim estremece a verde palma, quando a haste frágil foi abalada; rorejam do espato as lágrimas da chuva, e os leques ciciam brandamente.

— O guerreiro Caubi vai chegar à taba dos seus irmãos. O estrangeiro poderá partir com o Sol que está para nascer.

— Iracema quer ver o estrangeiro fora do território dos Tabajaras; então a alegria voltará ao seu seio.

— A juruti, quando a árvore seca, abandona o ninho em que nasceu. Nunca mais a alegria voltará ao seio de Iracema: ela vai ficar, como o tronco nu, sem rama, nem sombras.

Martim amparou o corpo trémulo da virgem; ela reclinou-se languidamente sobre o peito do guerreiro, como o tenro pâmpano *(haste da planta)* da baunilha que enlaça o rijo ramo do angico.

O jovem guerreiro murmurou:

— O teu hóspede fica, virgem dos olhos negros. Ele fica para ver abrir nas tuas faces a flor da alegria, e para colher, como a abelha, o mel dos teus lábios.

Iracema soltou-se dos braços dele, e olhou-o com tristeza:

— Guerreiro branco, Iracema é filha do pajé, e guarda o segredo da jurema. O guerreiro que possuísse a virgem de Tupã morreria.

— E Iracema?

— Pois se tu morrias!...

Esta palavra foi sopro de tormenta. A cabeça do mancebo vergou e pendeu sobre o peito; mas logo ergueu-se.

— Os guerreiros do meu sangue trazem a morte consigo, filha dos Tabajaras. Não a temem para si, não a poupam para o inimigo. Mas nunca fora do combate eles deixarão aberto o camucim (*) da virgem na taba do seu hóspede. A verdade falou pela boca de Iracema. O estrangeiro deve abandonar os campos dos Tabajaras.

[(*) Camucim tanto era um caixão, como uma urna. Era um grande vasilha ou talha, geralmente feita de barro preto, onde era posto o corpo do morto, na maior parte das vezes desmembrado para poder caber lá dentro. Durante muito tempo o costume era deixar o camucim dentro da cabana do morto que fora sua em vida, com todos os seus bens, e era depois fechada e abandonada. Os jesuítas convenceram os índios a abandonar esta prática e a enterrar os mortos em cemitérios, longe das tabas, o que foi uma mais valia por razões de saúde.]

— Deve, respondeu a virgem como um eco.

Depois a sua voz suspirou:

— O mel dos lábios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da guabiroba: tem na doçura o veneno. A mulher dos olhos azuis e dos cabelos do sol *(cabelo louro)* guarda para o seu guerreiro na taba dos brancos o mel da açucena.

Martim afastou-se rapidamente, e voltou, mas lentamente. A palavra tremia no seu lábio:

— O estrangeiro partirá para que o sossego volte ao seio da virgem.

— Tu levas a luz dos olhos de Iracema, e a flor da sua alma.

Ouviu-se longe na selva um clamor estranho. O olhos do mancebo alongam-se.

— É o grito de alegria do guerreiro Caubi, disse a virgem. O irmão de Iracema anuncia a sua boa chegada aos campos dos Tabajaras.

— Filha de Araquém, guia o teu hóspede à cabana. É tempo de partir.

Eles caminharam par a par, como dois jovens cervos que ao pôr-do-sol atravessam a capoeira recolhendo ao aprisco *(abrigo)* de onde lhes traz a brisa um faro suspeito.

Quando passavam entre os juazeiros, viram que atravessava não muito longe o guerreiro Caubi, vergando os ombros robustos ao peso da caça. Iracema caminhou até ele.

O estrangeiro entrou sozinho na cabana.

CAPÍTULO 9

O sono da manhã pousava nos olhos do pajé como as névoas da bonança pairam ao romper do dia sobre as profundas cavernas da montanha.

Martim parou indeciso, mas o rumor do seu passo penetrou no ouvido do ancião, e abalou-lhe o corpo decrépito.

— Araquém dorme! murmurou o guerreiro devolvendo o passo.

O velho ficou imóvel:

— O pajé dorme porque já Tupã voltou o rosto para a terra e a luz correu os maus espíritos das trevas. Mas o sono é leve nos olhos de Araquém, como o fumo do sapé *(o mato, que arde depressa quando está seco)* no cocuruto *(cume)* da serra. Se o estrangeiro veio até ao pajé, fale; o seu ouvido escuta.

— O estrangeiro veio para anunciar que parte.

— O hóspede é o senhor na cabana de Araquém; todos os caminhos estão abertos para ele. Tupã o leve à taba dos seus.

Vieram Caubi e Iracema:

— Caubi voltou, disse o guerreiro Tabajara. Traz a Araquém o melhor da sua caça.

— O guerreiro Caubi é um grande caçador de montes e florestas. Os olhos do seu pai gostam de vê-lo.

O velho abriu as pálpebras e cerrou-as logo:

— Filha de Araquém, escolhe para o teu hóspede o presente da despedida e prepara o moquém (*) da sua

viagem. Se o estrangeiro precisar de guia, o guerreiro Caubi, senhor do caminho, o acompanhará.

[(*) Moquém = nome das provisões que se levava para comer em longas caminhadas. Consistia em carne defumada, envolta em folhas. Defumar a carne era a maneira que os índios tinham para conservar a caça de modo a que esta não apodrecesse.]

O sono voltou aos olhos do pajé.

Enquanto Caubi pendurava no fumeiro as peças de caça, Iracema colheu a sua alva rede de algodão com franjas de penas, e acomodou-a dentro do uru de palha trançada.

Martim esperava na porta da cabana. A virgem veio até ele:

— Guerreiro, que levas o sono dos meus olhos, leva a minha rede também. Quando nela dormires, que falem na tua alma os sonhos de Iracema.

— A tua rede, virgem dos Tabajaras, será a minha companheira no deserto: que se afaste o vento frio da noite, ela guardará para o estrangeiro o calor e o perfume do seio de Iracema.

Caubi afastou-se para ir à sua cabana, que ainda não tinha visto depois do seu regresso. Iracema foi preparar o moquém da viagem. Ficaram sós na cabana o pajé, que ressonava, e o mancebo com a sua tristeza.

O Sol, transmontando, já começava a declinar para o ocidente, quando o irmão de Iracema voltou da grande taba.

— O dia vai ficar triste (*), disse Caubi. A sombra caminha para a noite. É tempo de partir.

[(*) "O dia vai ficar triste" é uma forma de dizer que vai anoitecer.]

A virgem pousou a mão ao de leve no punho da rede de Araquém.

— Ele vai! murmuraram os lábios trémulos.

O pajé levantou-se e pôs-se em pé no meio da cabana. Depois acendeu o cachimbo. Ele e o mancebo trocaram o fumo da despedida.

— Bem-ido seja o hóspede, como foi bem-vindo à cabana de Araquém.

O velho andou até a porta, para soltar ao vento uma espessa baforada de tabaco; quando o fumo se dissipou no ar, ele murmurou:

— Que jurupari (*) se esconda para deixar passar o hóspede do pajé.

[(*) Jurupari, literalmente "o boca torta", é um deus da mitologia guarani. Conta a mitologia que foi ele o responsável por introduzir novos costumes sociais, mudando a estrutura matriarcal, que antes existia, para uma estrutura patriarcal, onde o homem submete a sua vontade á da mulher. Depois passou a ser consagrado como o deus da escuridão e do mal, que visitaria os índios em sonhos, assustando-os com pesadelos e presságios de perigos horríveis.]

Araquém voltou à rede e dormiu novamente. O mancebo tomou as suas armas mais pesadas que, ao chegar, suspendera nas varas da cabana, e dispôs-se a partir.

Adiante seguiu Caubi; a alguma distância o estrangeiro; logo após, Iracema.

Desceram a colina e entraram na mata sombria. O sabiá-do-sertão, mavioso cantor da tarde, escondido nos arbustos espessos da ubaia, soltava já os prelúdios da suave endecha *(cantiga, melodia).*

A virgem suspirou:

— A tarde é a tristeza do Sol. Os dias de Iracema vão ser longas tardes sem manhã, até que venha para ela a grande noite.

O mancebo voltou-se. O seu lábio emudeceu, mas os olhos falaram. Uma lágrima correu pela face guerreira, como as humidades que durante os ardores do estio *(do calor, tempo seco)* transudam da escarpa dos rochedos.

Caubi, avançando sempre, sumiu-se entre a densa ramagem.

O seio da filha de Araquém arfou, como o esto da vaga que se franja de espuma, e soluçou. Mas a sua alma, negra de tristeza, teve ainda um pálido reflexo para iluminar a seca flor das faces. Assim em noite escura vem um fogo fátuo luzir as brancas areias do tabuleiro.

— Estrangeiro, pega no último sorriso de Iracema... e foge!

A boca do guerreiro pousou na boca mimosa da virgem. Ficaram ambas assim unidas como dois frutos gémeos do araçá, que saíram do seio da mesma flor.

A voz de Caubi chamou o estrangeiro. Iracema abraçou para não cair o tronco de uma palmeira.

CAPÍTULO 10

Na cabana silenciosa, medita o velho pajé.

Iracema está apoiada no tronco rudo, que serve de esteio. Os grandes olhos negros, fitos nos recortes da floresta e rasos de lágrimas, parece estão naqueles olhares longos e trémulos enfiando e desfiando os aljôfares das lágrimas, que rorejam as faces.

A ará, pousada no jirau *(esteira que serve de cama)*, alonga para a sua formosa senhora os verdes e tristes olhos. Desde que o guerreiro branco pisou a terra dos Tabajaras, Iracema a esqueceu.

Os róseos lábios da virgem não se abriram mais para que ela colhesse entre eles a polpa da fruta ou a papa do milho verde; nem a doce mão a afagara uma só vez, alisando a penugem dourada da cabeça.

Se ela repetia o mavioso nome da senhora, o sorriso de Iracema já não se voltava para ela, nem o ouvido parecia escutar a voz da companheira e amiga, que antes tão suave era ao seu coração.

Triste dela! O povo tupi chamava-a de jandaia *(alegre ave)*, porque sempre alegre enchia os campos com o seu canto fremente. Mas agora, triste e muda, desprezada pela sua senhora, não parecia mais a linda jandaia, e sim o feio urutau que só sabe gemer.

O Sol remontou o cume das serras; os seus raios douravam apenas o viso das eminências.

A surdina merencória da tarde, que precede o silêncio da noite, começava a velar os crebros rumores do campo. Uma ave noturna, talvez iludida com a sombra mais espessa do bosque, desatou o estrídulo.

O velho ergueu a cara calva:

— Foi o canto da inhuma que acordou o ouvido de Araquém? disse ele admirado.

A virgem estremecera, e já fora da cabana, voltou-se para responder à pergunta do pajé:

— É o grito de guerra do guerreiro Caubi!

Quando o segundo pio da inhuma ressoou, Iracema corria na mata, como a corça perseguida pelo caçador. Só respirou chegando à campina, que recortava o bosque, como um grande lago.

O que seus olhos viram:

Martim, estava tranquilamente sentado num tronco de uma sapopema, olhando o que se passava. Cem guerreiros Tabajaras, com Irapuã à frente, formavam um arco à frente. O bravo Caubi afrontava-os a todos, com o olhar cheio de ira e as armas valentes empunhadas na mão robusta.

O chefe exigira-lhe a entrega do estrangeiro, e o guia respondera simplesmente:

— Matai Caubi primeiro.

A filha do pajé passara como uma flecha: ei-la diante de Martim, opondo também o seu corpo gentil aos golpes dos guerreiros.

Irapuã soltou o bramido da onça atacada de fúria.

— Filha do pajé, disse Caubi em voz baixa. Conduz o estrangeiro à cabana: só Araquém pode salvá-lo.

Iracema voltou-se para o guerreiro branco:

— Vem!

Ele ficou imóvel.

— Se não vens, disse a virgem; Iracema morrerá contigo.

Martim ergueu-se; mas em vez de seguir a virgem, caminhou diretamente a Irapuã. A sua espada flamejou no ar.

— Os guerreiros do meu sangue, chefe, nunca recusaram o combate. Se aquele que tu vês não foi o primeiro a provocá-lo, é porque os seus pais lhe ensinaram a não derramar sangue na terra hospedeira.

O chefe Tabajara rugiu de alegria; a sua mão possante brandiu o tacape. Mas os dois campeões mal tiveram tempo de medir-se com os olhos; quando fenderam o primeiro golpe, já Caubi e Iracema estavam entre eles.

A filha de Araquém tanto rogava ao cristão como o cingia nos seus braços à procura de arrancá-lo do combate. Do outro lado Caubi em vão provocava Irapuã para atrair para si a raiva do chefe.

A um gesto de Irapuã, os guerreiros afastaram os dois irmãos; o combate prosseguiu.

De repente o rouco som da inúbia *(corneta de guerra)* ressoou pela mata.

Os filhos da serra estremeceram reconhecendo o som do búzio guerreiro dos Potiguaras, senhores das praias ensombradas de coqueiros. O eco vinha da grande taba, que o inimigo talvez já assaltava.

Os guerreiros precipitaram-se, levando o chefe à frente. Com o estrangeiro só ficou a filha de Araquém.

CAPÍTULO 11

Os guerreiros Tabajaras, acorridos à taba, esperavam encontrar o inimigo em frente da caiçara.(*)

[(*) Caiçara = cerco de paus que se punha à volta da taba (aldeia, povoação) como uma muralha, para a proteger.]

Não o vendo, eles correram a procurá-lo.

Bateram as matas em torno e percorreram os campos. Nem vestígios encontraram da passagem dos Potiguaras; mas o conhecido frémito do búzio das praias tinha ressoado ao ouvido dos guerreiros da montanha; não havia dúvidas.

Suspeitou Irapuã que fosse um ardil da filha de Araquém para salvar o estrangeiro, e caminhou direitamente à cabana do pajé. Como trota o guará(*) pela orla da mata, quando vai a seguir o rastro da presa escápula, assim estugava o passo o sanhudo guerreiro.

[(*) Guará = cão selvagem, mais pequeno que um coiote. Também chamado de "lobo brasileiro" embora se assemelhe mais a uma raposa ou a uma hiena.]

Araquém viu entrar na sua cabana o grande chefe da nação Tabajara, e não se moveu. Sentado na rede, com as pernas cruzadas, escutava Iracema. A virgem referia os sucessos da tarde; avistando a figura sinistra de Irapuã, saltou sobre o arco e uniu-se ao flanco do jovem guerreiro branco.

Martim afastou-a docemente de si, e promoveu o passo.

A proteção, de que a virgem Tabajara o cercava, a ele guerreiro, desgostava-o.

— Araquém, a vingança dos Tabajaras espera o guerreiro branco; Irapuã veio buscá-lo.

— O hóspede é amigo de Tupã; quem ofender o estrangeiro ouvirá rugir o trovão.

— O estrangeiro foi quem ofendeu a Tupã, roubando a sua virgem, que guarda os sonhos da jurema.

— A tua boca mente como o ronco da jiboia! *(um tipo de cobra)* exclamou Iracema.

Martim disse:

— Irapuã é vil e indigno de ser chefe de guerreiros valentes!

O pajé disse grave e lento:

— Se a virgem deu ao guerreiro branco a flor do seu corpo, ela morrerá; mas o hóspede de Tupã é sagrado; ninguém lhe tocará, todos o servirão.

Irapuã bramiu; o grito rouco soou nas arcas do peito, como o frémito da sucuri (*) na profundeza do rio.

[(*) Sucuri = também conhecida como anaconda é a maior serpente do mundo podendo ultrapassar os 10 metros de comprimentos. Das quatro espécies que existem no mundo, três são do Brasil (a quarta na Bolívia). Não são venenosas mas é o seu tamanho que as torna perigosas pois atacam presas de grande porte, inclusive pessoas. Encontram-se sobretudo nos rios onde se deslocam mais facilmente mas também podem deslocar-se em terra e até subir a árvores.]

— A raiva de Irapuã não pode mais ouvir-te, velho pajé! Caia ela sobre ti, se ousas subtrair o estrangeiro à vingança dos Tabajaras.

O velho Andira, irmão do pajé, entrou na cabana; trazia no punho o terrível tacape; e nos olhos uma raiva ainda mais terrível.

— O morcego vem-te chupar o sangue, se é que tens sangue e não mel nas veias (*), tu que ameaças na sua cabana o velho pajé.

[(*) Irapuã, significa "mel redondo", daí a referência do Andira.]

Araquém afastou o irmão:

— Paz e silêncio, Andira.

O pajé desenvolvera uma alta e magra estatura como a caninana *(uma serpente)* assanhada, que se enrista sobre a cauda, para enfrentar a vítima face a face. As rugas afundaram-se e, repuxando as peles engelhadas, esbugalharam os dentes alvos e afilados:

— Ousa um passo mais, e as iras de Tupã te esmagarão sob o peso desta mão seca e mirrada!

— Neste momento, Tupã não está contigo! replicou o chefe.

O pajé riu-se; e o seu riso sinistro ressoou pelo espaço como o regougo da ariranha.(*)

[(*) Ariranha = é uma espécie de lontra, típica da américa do sul e, de todas as espécies do mundo, a maior.]

— Ouve o seu trovão, e treme no teu peito, guerreiro, como a terra na sua profundeza.

Araquém proferindo essas palavras terríveis avançou até ao meio da cabana; ali ergueu a grande pedra e calcou o pé com força no chão: de súbito, abriu-se a terra. Do antro profundo saiu um medonho gemido, que parecia arrancado das entranhas do rochedo. (*)

[(*) Diz José de Alencar nas suas notas sobre isto: "Todo esse episódio do rugido da terra é uma astúcia, como usavam os pajés e os sacerdotes de toda a nação selvagem para se imporem à imaginação do povo. A cabana estava assentada sobre um rochedo, onde havia uma galeria subterrânea que comunicava com a várzea por uma estreita abertura; Araquém tivera o cuidado de tapar com grandes pedras as duas aberturas, para ocultar a gruta dos guerreiros. Nessa ocasião a fenda inferior estava aberta, e o pajé sabia-o; abrindo a fenda superior, o ar encanou-se pelo antro espiral com estridor medonho. — O facto é, pois, natural; a aparência, sim, é maravilhosa."]

Irapuã não tremeu, nem se afastou de susto; mas sentiu turvar-se a luz nos olhos, e a voz nos lábios.

— O senhor do trovão é por ti; o senhor da guerra, será por Irapuã.

O torvo guerreiro deixou a cabana; em pouco tempo o seu grande vulto mergulhou nas sombras do crepúsculo.

O pajé e o seu irmão conversaram à porta da cabana.

Martim, ainda surpreso do que vira, não tirava os olhos da funda cava, que a planta do pé do velho pajé abrira no chão da cabana. Um surdo rumor, como o eco das ondas quebrando nas praias, ouvia-se dali.

O guerreiro cristão pensava; ele não podia crer que o deus dos Tabajaras desse ao seu sacerdote tamanho poder.

Araquém, percebendo o que se passava na alma do estrangeiro, acendeu o cachimbo e agarrou o maracá:

— É tempo de aplacar as iras de Tupã, e calar a voz do trovão.

Disse e partiu da cabana.

Iracema aproximou-se então do mancebo; levava os lábios em riso, os olhos em júbilo:

— O coração de Iracema está como o abati (*) na água do rio. Ninguém fará mal ao guerreiro branco na cabana de Araquém.

[(*) "Abati" é o nome tupi para "Arroz". Iracema serve-se da imagem do arroz que só viça no terreno alagado, para exprimir a sua alegria.]

— Afasta-te do inimigo, virgem dos Tabajaras, respondeu o estrangeiro com aspereza na voz.

Voltando brusco para o lado oposto, furtou o rosto aos olhos ternos e queixosos da virgem.

— Que fez Iracema, para que o guerreiro branco desvie os seus olhos dela, como se fosse o verme da terra?

As falas da virgem soaram docemente no coração de Martim. Assim soam os murmúrios da aragem nas frondes da palmeira. O mancebo sentiu raiva de si próprio, e pena dela:

— Não ouves, virgem formosa? exclamou ele apontando para o antro fremente.

— É a voz de Tupã!

— O teu deus disse pela boca do pajé: "Se a virgem de Tupã der ao estrangeiro a flor do seu corpo, ele morrerá!..."

Iracema deixou cair a cara abatida:

— Não é voz de Tupã que ouve o teu coração, guerreiro de longes terras, é o canto da virgem branca, que te

chama!

O rumor estranho que saía das profundezas da terra apagou-se de repente. Fez-se na cabana tão grande silêncio que ouvia-se pulsar o sangue na artéria do guerreiro, e tremer o suspiro no lábio da virgem.

CAPÍTULO 12

O dia enegreceu; já era noite.

O pajé voltara à cabana; sopesando novamente a grossa laje, fechou com ela a boca do antro. Caubi chegara também da grande taba, onde com os seus irmãos guerreiros se recolhera depois que bateram a floresta, à procura do inimigo Potiguara.

No meio da cabana, entre as redes armadas em quadro, estendeu Iracema a esteira de carnaúba *(uma árvore, neste caso uma esteira feita da sua madeira)*, e sobre ela serviu os restos da caça, e a provisão de vinhos da última lua. Só o guerreiro Tabajara achou sabor na ceia, porque o fel do coração que a tristeza espreme não amargava o seu lábio.

O pajé bebia no cachimbo o fumo sagrado de Tupã que lhe enchia as arcas do peito; o estrangeiro respirava ar às golfadas para refrescar-lhe o sangue efervescente; a virgem destilava a sua alma como o mel de um favo, nos crebros soluços que lhe estalavam entre os lábios trémulos.

***

Já partiu Caubi para a grande taba; o pajé traga as baforadas do fumo, que prepara o mistério do sagrado rito.

Levanta-se no som da noite um grito vibrante, que remonta ao céu.

Martim ergue a cara e inclina o ouvido. Outro clamor semelhante ouve-se. O guerreiro murmura, que ouve a virgem e só ela:

— Escutou Iracema, o cantar da gaivota?

— Iracema escutou o grito de uma ave que ela não conhece.

— É a atiati, a garça do mar, e tu és a virgem da serra, que nunca desceu às alvas praias onde arrebentam as vagas.

— As praias são dos Potiguaras, senhores das palmeiras.

Os guerreiros da grande nação que habitava as bordas do mar chamavam-se a si mesmos Potiguaras, senhores dos vales; mas os Tabajaras, os seus inimigos, por escárnio apelidavam-nos de Potiguaras, comedores de camarão.

Iracema não quis ofender o guerreiro branco; por isso, falando dos Potiguaras, não lhes recusou o nome guerreiro que eles tinham tomado para si.

O estrangeiro reteve por um instante a palavra no seu lábio prudente, enquanto refletia:

— O canto da gaivota é o grito de guerra do valente Poti, amigo do teu hóspede!

A virgem estremeceu pelos seus irmãos. A fama do bravo Poti, irmão de Jacaúna, subiu das ribeiras do mar às alturas da serra; rara é a cabana onde já não rugiu contra ele o grito de vingança, porque em quase todas o golpe do seu válido tacape deitou um guerreiro Tabajara no seu camucim.*(vaso funerário)*

Iracema julgou que Poti vinha à frente dos seus guerreiros para livrar o amigo. Fora ele sem dúvida que fizera soar o búzio das praias, no momento do combate. Foi com um tom misturado de doçura e tristeza que replicou:

"O estrangeiro está salvo; os irmãos de Iracema vão morrer, porque ela não falará. Saia essa tristeza da tua alma. O estrangeiro partindo-se dos teus campos, virgem Tabajara,

não deixará neles rastro de sangue, como o tigre esfaimado."

Iracema tomou a mão do guerreiro branco e beijou-a.

— O teu sorriso, diz ele, apagou a lembrança do mal que eles me querem.

Martim ergueu-se e marchou para a porta.

— Aonde vai o guerreiro branco?

— Ter com o amigo Poti.

— O hóspede de Araquém não pode sair desta cabana, porque os guerreiros de Irapuã o matarão.

— Um guerreiro só deve proteção a Deus e às suas armas. Não precisa que o defenda os velhos e as mulheres.

— Não vale um guerreiro sozinho contra mil guerreiros; valente e forte é o tamanduá *(papa-formigas)*, que morde os gatos selvagens por serem muitos e o matam. As tuas armas só chegam até onde mede a sombra do teu corpo; as armas deles voam alto e direito como o anajê *(gavião)*.

— Todo o guerreiro tem o seu dia.

— Não queres tu que morra Iracema, e queres que ela te deixe morrer!

Martim ficou perplexo:

— Iracema irá então ao encontro do chefe Potiguara e trará ao seu hóspede a mensagem do guerreiro amigo.

O pajé saiu enfim da sua contemplação. O maracá rugiu-lhe na mão destra, tiniram os guizos com o passo hirto e lento.

Chamou ele a filha de parte:

— Se os guerreiros de Irapuã vierem contra a cabana, levanta a pedra e esconde o estrangeiro no seio da terra.

— O hóspede não deve ficar sozinho; espera que volte Iracema. Ainda não cantou a inhuma.

Tornou a sentar-se na rede o velho. A virgem partiu, fechando a porta da cabana.

CAPÍTULO 13

Avança a filha de Araquém nas trevas; pára e escuta.

O grito da gaivota soou terceira vez ao seu ouvido e ela vai direitamente ao lugar de onde o som partiu. Chega à borda de um tanque; o seu olhar investiga a escuridão, e nada vê do que procura.

A voz maviosa, débil como um sussurro de um colibri, *(uma ave, a mais pequena no mundo)* ouve-se no silêncio:

— Guerreiro Poti, o teu irmão branco chama-te pela boca de Iracema.

Só o eco lhe respondeu.

— A filha dos teus inimigos vem a ti porque o estrangeiro te ama, e ela ama o estrangeiro.

A lisa face do lago fende-se e um vulto revela-se; este nada para a margem, e surge fora.

— Foi Martim quem te mandou, pois tu sabes o nome de Poti, o seu irmão na guerra.

— Fala, chefe Potiguara; o guerreiro branco espera.

— Volta a ele e diz que Poti chegou para o salvar.

— Ele sabe; e mandou-me a ti para te ouvir.

— As falas de Poti só sairão da sua boca quando forem para ouvido do seu irmão branco.

— Espera então que Araquém parta e a cabana fique deserta; eu guiar-te-ei à presença do estrangeiro.

— Nunca, filha dos Tabajaras, um guerreiro Potiguara passou a soleira da taba inimiga, a não ser como vencedor.

Trás aqui o guerreiro do mar.

— A vingança de Irapuã fareja à roda da cabana de Araquém. Trouxe o irmão do estrangeiro bastantes guerreiros Potiguaras para o defender e salvar?

Poti refletiu:

— Conta, virgem das serras, o que sucedeu nos teus campos depois que a eles chegou o guerreiro do mar.

Iracema contou-lhe como a cólera de Irapuã se tinha assanhado contra o estrangeiro, até que a voz de Tupã, chamado pelo pajé, tinha apaziguado o seu furor:

— A raiva de Irapuã é como a andira *(morcego)*: foge da luz e voa nas trevas.

A mão de Poti cerrou de súbito os lábios da virgem; a sua fala parecia um sopro:

— Suspende a voz e a respiração, virgem das florestas, o ouvido inimigo escuta na sombra.

As folhas crepitavam de manso, como se por elas passasse a fragueira nambu *(uma ave)*. Um rumor, partido da orla da mata, vinha a discorrer pelo vale.

O valente Poti, resvalando pela relva, como o ligeiro camarão, de que ele tomara o nome e a viveza, desapareceu no lago profundo. A água não soltou um murmúrio, e cerrou sobre ele a sua límpida onda.

Iracema voltou à cabana; no meio do caminho perceberam os seus olhos as sombras de muitos guerreiros que rojavam pelo chão como a intanha *(um tipo de sapo).*

Araquém, vendo-a entrar, partiu.

A virgem Tabajara contou a Martim o que ouvira de Poti; o guerreiro cristão ergueu-se de um ímpeto para correr em

defesa do seu irmão Potiguara. Prendeu-lhe o colo Iracema com os lindos braços:

— O chefe não precisa de ti; ele é filho das águas; as águas o protegem. Mais tarde o estrangeiro ouvirá nos seus ouvidos as palavras amigas.

— Iracema, é tempo que o teu hóspede deixe a cabana do pajé e os campos dos Tabajaras. Ele não tem medo dos guerreiros de Irapuã, tem medo dos olhos da virgem de Tupã.

— Eles fugirão de ti.

— Fuja deles o estrangeiro, como o oitibó *(um pássaro)* da estrela da manhã. Martim promoveu o passo.

— Vai, guerreiro ingrato; vai matar o teu irmão primeiro, depois a ti. Iracema seguir-te-á até aos campos alegres aonde vão as sombras dos que morrem.

— Matar o meu irmão, dizes tu, virgem cruel.

— O teu rastro guiará o inimigo até onde ele se oculta.

O cristão estacou no meio da cabana; e ali permaneceu mudo e quieto. Iracema, receosa em fitá-lo, tinha os olhos na sombra do guerreiro, que a chama projetava na vetusta parede da cabana.

O cão felpudo, deitado no borralho, deu sinal de que se aproximava gente amiga. A porta entretecida por talos de carnaúba foi aberta por fora. Caubi entrou.

— O cauim *(bebida alcoólica)* perturbou o espírito dos guerreiros; eles vêm contra o estrangeiro.

A virgem ergueu-se de um ímpeto:

— Levanta a pedra que fecha a garganta de Tupã, para que ela esconda o estrangeiro.

O guerreiro Tabajara, erguendo a laje enorme, levantou-a do chão.

— Filho de Araquém, senta-te na porta da cabana, e mais nunca te levantes da terra, se um guerreiro passar por cima do teu corpo.

Caubi obedeceu; a virgem cerrou a porta.

Decorreu breve trato. Ouve-se perto o estrupido dos guerreiros; travam-se as vozes iradas de Irapuã e Caubi.

— Eles vêm; mas Tupã salvará o seu hóspede.

Nesse instante, como se o deus do trovão ouvisse as palavras da sua virgem, o antro, mudo ao princípio, ressoou surdamente.

— Ouve! É a voz de Tupã.

Iracema cerra a mão do guerreiro, e leva-o à borda do antro. Somem-se ambos nas entranhas da terra.

CAPÍTULO 14

Os guerreiros Tabajaras, excitados com as copiosas libações do espumante cauim, inflamam-se à voz de Irapuã que tantas vezes os guiou ao combate e tantas à vitória.

Aplaca o vinho a sede do corpo, mas acende outra sede maior na alma feroz. Rugem vingança contra o estrangeiro audaz que, afrontando as suas armas, ofende o deus dos seus pais, e o chefe da guerra, o primeiro varão Tabajara.

Já tripudiam de furor, e arremetem pelas sombras; a luz vermelha do Ubiratã (*), que brilha ao longe, guia-os à cabana de Araquém. De espaço em espaço erguem-se do chão os que primeiro vieram para vigiar o inimigo.

[(*)Ubiratã, literalmente “pau duro”, é uma árvore cuja madeira é muito forte e difícil de partir ou de consumir pelo fogo. Por essa razão era ideal para servir como tocha.]

— O pajé está na floresta! murmuram eles.

— E o estrangeiro? pergunta Irapuã.

— Na cabana com Iracema.

O grande chefe lança um terrível salto; já chegou à porta da cabana, e com ele os seus valentes guerreiros.

O vulto de Caubi enche o vão da porta; as suas armas guardam diante dele o espaço de um salto do maracajá.(*)

[(*) Maracajá = também chamado de “gato do mato”, é um felino natural da mata da amazónia. Tem o pêlo igual ao de um leopardo mas é do tamanho de um gato comum.]

— Vis guerreiros são aqueles que atacam em bando como os caititus *(porco-do-mato)*. O jaguar, senhor da floresta, e o anajê *(gavião)*, senhor das nuvens, combatem o inimigo sozinhos.

— Morde o pó a boca torpe aquele que levanta a voz contra o mais valente guerreiro dos guerreiros Tabajaras.

Proferidas estas palavras, ergue o braço de Irapuã o rígido tacape, mas estaca no ar: as entranhas da terra outra vez rugem, como rugiram quando Araquém acordou a voz tremenda de Tupã.

Levantam os guerreiros medonho alarido e, cercando o seu chefe, arrebatam-no ao funesto lugar e à cólera de Tupã, contra eles concitado.

Caubi estende-se novamente na soleira da porta; os seus olhos adormecem; mas o seu ouvido vela no sono.

A voz de Tupã emudeceu.

Iracema e o cristão, perdidos nas entranhas da terra, descem a gruta profunda. De súbito, uma voz que vinha a soar pela crasta, encheu os seus ouvidos:

— O guerreiro do mar escuta a voz do seu irmão?

— É Poti, o amigo do teu hóspede, disse o cristão para a virgem.

Iracema estremeceu:

— Ele fala pela boca de Tupã.

Martim responde ao chamado de Potiguara.

— As falas de Poti entram na alma do seu irmão.

— Nenhum outro ouvido escuta?

— Os da virgem que duas vezes num sol defendeu a vida do teu irmão!

— A mulher é fraca, o Tabajara traidor, e o irmão de Jacaúna prudente.

Iracema suspirou e pousou a cabeça no peito do mancebo:

— Senhor de Iracema, cerra os seus ouvidos, para que ela não ouça.

Martim repeliu docemente a gentil cara enquanto Poti se aproximava.

— Fale o chefe Potiguara; só o escutam ouvidos amigos e fiéis.

— Tu ordenas, Poti fala. Antes que o Sol se levante na serra, o guerreiro do mar deve partir para as margens do ninho das garças; a estrela morta(*) o guiará às alvas praias. Nenhum Tabajara o seguirá, porque a inúbia (corneta de guerra) dos Potiguaras rugirá da banda da serra.

[(*) José de Alencar, erroneamente, escreveu nas suas notas que a estrela com que os índios brasileiros se orientavam de noite e chamavam de "Estrela Morta" era a Estrela Polar. Tal nunca poderia ser pois a Estrela Polar não se avista nos céus abaixo da linha do equador. A estrela aqui referida é a que depois foi chamada de Cruzeiro do Sul que é a estrela que tem servido de guia ao longo da história para todos aqueles que moram no hemisfério sul, tal como a Estrela Polar sempre serve de guia ao que moram no hemisfério norte.]

— Quantos guerreiros Potiguaras acompanham o seu chefe valente?

— Nenhum; Poti veio só com as suas armas. Quando os espíritos maus das florestas separaram o guerreiro do mar do seu irmão, Poti veio em seguimento do seu rastro. O seu

coração não deixou que voltasse para chamar os guerreiros da sua taba; mas expediu o seu cão fiel ao grande Jacaúna.

— O chefe Potiguara está só; não deve rugir a inúbia que chamará contra si todos os guerreiros Tabajaras.

— É preciso para salvar o irmão branco; Poti zombará de Irapuã, como zombou quando combatiam cem contra ti.

A filha do pajé que ouvira calada, debruçou-se ao ouvido do cristão:

— Iracema quer salvar-te a ti e ao teu irmão; ela tem o seu plano. O chefe Potiguara é valente e audaz; Irapuã é manhoso e traiçoeiro como a acauã.(*) Antes que chegues à floresta, cairás; e o teu irmão do outro lado cairá contigo.

[(*) Acauã = é uma ave de rapina, da família dos gaviões. É conhecida pelo seu canto característico e por se alimentar de cobras e serpentes.]

— Que fará a virgem Tabajara para salvar o estrangeiro e o seu irmão? perguntou Martim.

— Mais um sol e outro, e a lua das flores vai nascer. É o tempo da festa, em que os guerreiros Tabajaras passam a noite no bosque sagrado, e recebem do pajé os sonhos alegres. Quando estiverem todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipu, e os olhos de Iracema, mas não a sua alma.

Martim estreitou a virgem ao seio; mas depressa a repeliu. O toque do seu corpo, doce como a açucena da mata, e quente como o ninho do beija-flor, espinhou o seu coração, porque lhe recordou as palavras terríveis do pajé.

A voz do cristão transmitiu a Poti o pensamento de Iracema; o chefe Potiguara, prudente como o tamanduá *(papa-formigas)*, pensou e respondeu:

— A sabedoria falou pela boca da virgem Tabajara. Poti espera o nascimento da Lua.

CAPÍTULO 15

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu, as estrelas, filhas da Lua, que esperam a volta da sua mãe ausente.

Martim embala-se docemente; e como a alva rede que vai e vem, a sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá espera-o a virgem loura dos castos afetos; aqui sorri-lhe a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se de modo langue ao punho da rede; os seus olhos negros e fúlgidos, ternos olhos de sabiá *(pássaro típico do Brasil, símbolo nacional brasileiro)*, buscam o estrangeiro, e entram-lhe na alma. O cristão sorri; a virgem palpita; como o saí *(pequeno pássaro)*, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se prostra sobre o peito do guerreiro.

Já o estrangeiro a preme ao peito; e o lábio ávido busca o lábio que o espera, para celebrar nesse ádito de alma, o himeneu do amor.

No recanto escuro o velho pajé, imerso na sua contemplação e alheio às coisas deste mundo, soltou um gemido doloroso. Pressentira o coração o que não viram os olhos? Ou foi algum funesto presságio para a raça dos seus filhos, que assim ecoou na alma de Araquém?

Ninguém o soube.

O cristão repeliu do seio a virgem índia. Ele não deixará o rastro da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não ver; e enche a sua alma com o nome e a veneração do seu Deus:

— Cristo!... Cristo!...

A serenidade volta ao seio do guerreiro branco, mas todas as vezes que o seu olhar pousa sobre a virgem Tabajara, ele sente correr-lhe pelas veias uma centelha de ardente chama. Assim, quando a criança imprudente revolve o brasido de intenso fogo, saltam as faúlhas inflamadas que lhe queimam o corpo.

Fecha os olhos o cristão, mas na sombra do seu pensamento surge a imagem da virgem, talvez mais bela. Embalde chama ele o sono às pálpebras fatigadas; elas abrem-se para seu malgrado.

Desce-lhe do céu ao atribulado pensamento uma inspiração:

— Virgem formosa do sertão, esta é a última noite que o teu hóspede dorme na cabana de Araquém, onde nunca devia ter vindo, para o teu bem e o seu. Faz com que o seu sono seja alegre e feliz.

— Tu manda; Iracema obedece. Que pode fazer ela para a tua alegria?

O cristão disse submisso, para que não o ouvisse o velho pajé:

— A virgem de Tupã guarda os sonhos da jurema que são doces e saborosos!

Um triste sorriso pungiu os lábios de Iracema:

— O estrangeiro vai viver para sempre à cintura da virgem branca; nunca mais os seus olhos verão a filha de Araquém; e ele quer que o sono feche já as suas pálpebras e que o leve à terra dos seus irmãos!

— O sono é o descanso do guerreiro, disse Martim; e o sonho a alegria da alma. O estrangeiro não quer levar

consigo a tristeza da terra hospedeira, nem deixá-la no coração de Iracema!

A virgem ficou imóvel.

— Vai, e volta com o vinho de Tupã.

Quando Iracema chegou de volta, já o pajé não estava na cabana; tirou a virgem o vaso que ali trazia oculto sob a carioba *(veste)* de algodão entretecida de penas. Martim arrebatou-lho das mãos, e bebeu umas poucas gotas do verde e amargo licor. Não tardou que a rede recebesse o seu corpo desfalecido.

Agora podia viver com Iracema, e colher nos seus lábios o beijo, que ali viçava entre sorrisos, como o fruto na corola da flor. Podia amá-la, e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

O gozo era vida, pois sentia-o mais vivo e intenso; o mal era sonho e ilusão, que da virgem ele não possuía mais que a imagem.

Iracema afastara-se opressa e suspirosa.

Abriram-se os braços do guerreiro e os seus lábios; o nome da virgem ouviu-se docemente.

A juruti, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro; bate as asas, e voa para conchegar-se ao tépido ninho. Tal com ela, a virgem do sertão, aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veio a manhã, ainda se achou Iracema ali debruçada, como uma borboleta que dormiu no seio do formoso cato. No seu lindo rosto acendia o pejo vivos rubores; e como entre os arrebóis da manhã cintila o primeiro raio do Sol, nas suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruído amor.

Martim vendo a virgem unida ao seu coração, julgou que o sonho continuava; fechou os olhos para torná-los a abrir.

A pocema *(gritaria)* dos guerreiros, troando pelo vale, arrancou-o ao doce engano: sentiu que já não sonhava, mas vivia. A sua mão cruel abafou nos lábios da virgem o beijo que ali se espanejava.

— Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu deles a sua alma. Na vida, os lábios da virgem de Tupã, amargam e doem como o espinho da jurema.

A filha de Araquém escondeu no coração a sua alegria. Ficou tímida e inquieta, como a ave que pressente a borrasca *(temporal)* no horizonte. Afastou-se rápida, e partiu.

As águas do rio depuraram o corpo casto da recente esposa.

A jandaia *(ave alegre)* não voltou à cabana.

Tupã já não tinha a sua virgem na terra dos Tabajaras.

CAPÍTULO 16

O alvo disco da Lua surgiu no horizonte.

A luz brilhante do Sol empalidece a virgem do céu, como o amor do guerreiro desmaia a face da esposa.

— Jaci!(*)... Mãe a nossa!... exclamaram os guerreiros Tabajaras.

[(*) Jaci = na mitologia Tupi, é a deusa da Lua. A passagem da lua cheia para a lua nova representava o decorrer de um período, sendo que a lua nova significava o nascimento da lua e a lua cheia o ponto auge da sua vida. Era através deste nascimento e renascimento da lua que se mediam o tempo. E o inicio de um novo período geralmente comemorado.]

E brandindo os arcos lançaram ao céu, com a chuva das flechas, o canto da lua nova:

“Veio no céu a mãe dos guerreiros; já volta o rosto para ver os seus filhos. Ela traz as águas, que enchem os rios e a polpa do caju.

“Já veio a esposa do Sol; já sorri as virgens da terra, filhas suas. A doce luz acende o amor no coração dos guerreiros e fecunda o seio da jovem mãe.”

Cai a tarde.

Folgam as mulheres e os meninos na vasta ocara(*); os mancebos, que ainda não ganharam nome de guerra por algum feito brilhante, discorrem no vale.

[(*) Ocara = o centro da taba, um espaço aberto e largo, tal como uma praça.]

Os guerreiros seguem Irapuã ao bosque sagrado, onde os espera o pajé e a sua filha para o mistério da jurema. Iracema já acendeu os fogos da alegria. Araquém está imóvel e extático no meio de uma nuvem de fumo.

Cada guerreiro que chega depõe aos seus pés uma oferenda a Tupã. Um traz a suculenta caça; outro a farinha de água; aquele o saboroso piracém *(posta)* da traíra (*). O velho pajé, para quem são estas dádivas, recebe-as com desdém.

[(*) A Traíra é um dos peixes mais populares e abundantes do Brasil pois encontra-se em praticamente todos os lagos, lagoas e rios. Diz-se inclusive que basta um fio de água para a Traíra se criar. É um peixe carnívoro pois alimenta-se de outros peixes mais pequenos e como tem dentes afiados é comum morder ferozmente quando se sente ameaçada, para proteger os filhos ou para afastar indesejáveis do seu território, pois é um peixe territorial. Para além disso tem predileção por sombras e por isso esconde-se debaixo da vegetação marítima. É destas particularidades que vem o seu nome, pois é vista como um peixe que ataca á traição, isto é, sorrateiramente.]

Quando se sentaram todos em torno do grande fogo, o ministro de Tupã ordena o silêncio com um gesto, e três vezes clamando o nome terrível, enche-se do deus, que o habita:

— Tupã!... Tupã!... Tupã!...

Três vezes o eco ao longe repercutiu.

Vem Iracema com a igaçaba cheia do verde licor. Araquém decreta os sonhos a cada guerreiro, e distribui o vinho da jurema, que transporta ao céu o valente Tabajara.

Este, um grande caçador, sonha que os veados e as pacas correm em frente das suas flechas para se traspassarem nelas; fatigado por fim de ferir, cava na terra o bucã (*), e assa tamanha quantidade de caça que mil guerreiros num ano não acabam.

[(*) Bucã = buraco no chão aonde se acendia o fogo para assar a carne da caça. Fazer um buraco no chão para fazer uma lareira é uma forma inteligente de impedir que o fogo se alastre para as imediações.]

Outro, fogoso em amores, sonha que as mais belas virgens dos Tabajaras deixam a cabana dos seus pais e seguem-no cativas do seu querer. Nunca a rede de nenhum chefe embalou mais voluptuosas carícias, que ele as usufrui naquele êxtase.

O herói sonha tremendas lutas e horríveis combates, de que sai vencedor, cheio de glória e fama. O velho renasce na prole numerosa, e como o seco tronco, de onde rebenta nova e robusta sebe, cobre-se ainda de flores.

Todos sentem a felicidade tão viva e contínua, que no espaço da noite julgam viver muitas luas. As bocas murmuram; o gesto fala; e o pajé, que tudo escuta e vê, colhe o segredo das almas desnudas.

Iracema, depois de oferecer aos guerreiros o licor de Tupã, sai do bosque. Não permite o rito que ela ficasse a assistir ao sono dos guerreiros e ouvisse falar os sonhos.

Foi dali direito à cabana onde a esperava Martim:

— Toma a tuas armas, guerreiro branco. É tempo de partir.

— Leva-me aonde está Poti, o meu irmão.

A virgem caminhou para o vale; o cristão seguiu-a. Chegaram à falda do rochedo, que ia morrer à beira do tanque, num maciço de verdura.

— Chama o teu irmão!

Martim soltou o grito da gaivota. A pedra que fechava a entrada da gruta caiu; e o vulto do guerreiro Poti apareceu

na sombra.

Os dois irmãos encostaram a cara na cara e o peito no peito, para exprimir que não tinham ambos mais que uma cabeça e um coração.

— Poti está contente porque vê o seu irmão, que o mau espírito da floresta arrebatou dos seus olhos.

— Feliz é o guerreiro que tem ao flanco um amigo como o bravo Poti; todos os guerreiros o invejarão.

Iracema suspirou, pensando que a afeição do Potiguara bastava à felicidade do estrangeiro.

— Os guerreiros Tabajaras dormem. A filha de Araquém vai guiar os estrangeiros.

A virgem seguiu adiante; os dois guerreiros atrás. Quando já tinham andado o espaço que transpõe a garça num voo, o chefe Potiguara tornou-se inquieto e murmurou ao ouvido do cristão:

— Manda à filha do pajé que volte à cabana do seu pai. Ela demora a marcha dos guerreiros.

Martim entristeceu; mas a voz da prudência e da amizade penetrou no seu coração. Avançou para Iracema, e tirou do peito uma voz doce para acalentar a saudade da virgem:

— Mais afunda a raiz da planta na terra, mais custa a arrancá-la. Cada passo de Iracema no caminho da partida, é uma raiz que lança no coração do seu hóspede.

— Iracema quer acompanhar-te até onde acabam os campos dos Tabajaras, para voltar com o sossego no seu peito.

Martim não respondeu. Continuaram a caminhar, e com eles caminhava a noite; as estrelas desmaiaram; e a frescura da alvorada alegrou a floresta. As roupas da manhã, alvas como o algodão, apareceram no céu.

Poti olhou para a mata e parou. Martim compreendeu e disse a Iracema:

— O teu hóspede já não pisa os campos dos Tabajaras. É o momento de te separares dele.

CAPÍTULO 17

Iracema pousou a mão no peito do guerreiro branco:

— A filha dos Tabajaras já deixou os campos dos seus pais; agora pode falar.

— Que guardas tu no peito, virgem formosa do sertão?

Ela pôs os olhos cheios no cristão:

— Iracema não pode mais separar-se do estrangeiro.

— Assim é preciso, filha de Araquém. Volta à cabana do teu velho pai, que te espera.

— Araquém já não tem filha.

Martim respondeu com um gesto rude e severo:

— Um guerreiro da minha raça nunca deixou a cabana do hóspede viúvo da sua alegria. Araquém abraçará a sua filha, para não amaldiçoar o estrangeiro ingrato.

A virgem deixou a cara para o peito; velando-se com as longas tranças negras que se espargiam pelo colo, cruzando ao grémio os lindos braços, recolheu no seu pudor, tal como o róseo cato, que já desabrochou em formosa flor, cerra em botão o seio perfumado.

— A tua escrava acompanhar-te-á, guerreiro branco; porque o teu sangue dorme no seu seio.

Martim estremeceu.

— Os maus espíritos da noite turbaram o espírito de Iracema.

— O guerreiro branco sonhava, quando Tupã abandonou a sua virgem, porque ela traiu o segredo da jurema.

O cristão escondeu a face da luz.

— Deus!... clamou o seu lábio trémulo.

Permaneceram ambos mudos e quietos.

Por fim disse Poti:

— Os guerreiros Tabajaras despertam.

O coração da virgem, como o do estrangeiro, ficou surdo à voz da prudência. O Sol levantou-se no horizonte; e o seu olhar majestoso desceu dos montes à floresta. Poti de pé como um tronco decepado esperou até que o seu irmão quisesse partir.

Foi Iracema quem primeiro falou:

— Vem; enquanto não pisares as praias dos Potiguaras, a tua vida corre perigo.

Martim seguiu silencioso a virgem, que andava por entre as árvores como a selvagem cutia.(*)

[(*) A Cutia é um roedor do tamanho de um coelho mas assemelha-se mais a um hamster.]

A tristeza roía-lhe o coração; mas a onda de perfumes que deixava na brisa a passagem da formosa Tabajara açulava o amor no peito do guerreiro. O seu passo era tardo, o peito ofegava-lhe.

Poti pensava. Na sua cabeça de mancebo morava o espírito de um abaeté *(homem adulto, sábio)*. O chefe Potiguara pensava que o amor é como o cauim, o qual bebido com moderação fortalece o guerreiro, e tomado em excesso abate a coragem do herói. Ele sabia quão veloz era o pé dos Tabajaras; e esperava o momento de morrer defendendo o amigo.

Quando as sombras da tarde entristeciam o dia, o cristão parou no meio da mata. Poti acendeu o fogo da hospitalidade. A virgem desdobrou a alva rede de algodão franjada de penas de tucano, e suspendeu-a aos ramos da árvore.

— Esposo de Iracema, a tua rede te espera.

A filha de Araquém foi sentar-se longe, na raiz de uma árvore, como a cerva solitária, que o ingrato companheiro afugentou do abrigo. O guerreiro Potiguara desapareceu na espessura da folhagem.

Martim ficou mudo e triste, semelhante ao tronco da árvore a que o vento arrancou o lindo cipó que o entrelaçava. A brisa, perpassando levou um murmúrio:

— Iracema!

Era o balido do companheiro; a cerva arrufando-se ganhou o doce abrigo.

A floresta destilava suave fragrância e exalava harmoniosos arpejos; os suspiros do coração difundiram-se nos múrmuros do deserto. Foi a festa do amor, e o canto do himeneu *(deus grego do casamento).*

Já a luz da manhã coou na selva densa. A voz grave e sonora de Poti repercutiu-se no sussurro da mata:

— O povo Tabajara caminha na floresta!

Iracema arrancou-se dos braços que a cingiam e do lábio que a tinha cativa: saltando da rede como a rápida zabelê *(uma ave)*, travou das armas do esposo e levou-o através da mata.

De espaço a espaço, o prudente Poti escutava as entranhas da terra; a sua cabeça movia-se pesada de um a outro lado, como a nuvem que se balança no cocuruto do rochedo, aos vários lufos da próxima borrasca *(temporal).*

— O que escuta o ouvido do guerreiro Poti?

— Escuta o passo veloz do povo Tabajara. Ele vem como o tapir (*), rompendo a floresta.

[(*) O Tapir é um tipo de porco selvagem, tal como o javali, mas muito diferente pois não tem presas e em vez de focinho tem uma pequena trompa, tal como os elefantes.]

— O guerreiro Potiguara é a ema que voa sobre a terra; nós o seguiremos, como as suas asas, disse Iracema.

O chefe sacudiu novamente a cara:

— Enquanto o guerreiro do mar dormia, o inimigo correu. Os que primeiro partiram já avançam como as pontas do arco.

A vergonha mordeu o coração de Martim:

— Fuja o chefe Poti e salve Iracema. Só deve morrer o guerreiro mau, que não escutou a voz do seu irmão e o pedido da sua esposa.

Martim arrepiou o passo.

— A alma do guerreiro branco não escutou a sua boca. Poti e o seu irmão só têm uma vida.

O lábio de Iracema nada disse; apenas sorriu.

CAPÍTULO 18

Treme a selva com o estrupido da correria do povo Tabajara.

O grande Irapuã, à frente, corre por entre as árvores. O seu olhar rúbido vê o guerreiro branco entre nuvens de sangue; o grito rouco do tigre rompe do seu peito cavernoso.

O chefe Tabajara e o seu povo vão-se precipitar sobre os fugitivos, como a vaga encapelada que arrebenta no Mocoribe *(Literalmente: "Monte de areia alegre").*

Eis que late o cão selvagem.

Poti solta o grito da alegria:

— O cão de Poti guia os guerreiros da sua taba em seu socorro.

O rouco búzio dos Potiguaras estruge pela floresta. O grande Jacaúna, senhor das praias do mar, chegava do rio das garças com os seus melhores guerreiros.

Os Potiguaras recebem o primeiro ímpeto do inimigo nas pontas eriçadas das suas flechas, que eles despedem do arco aos molhos, como o cuandu *(porco-espinho)* os espinhos do seu corpo. Logo após soa a pocema *(gritaria)*, estreita-se o espaço, e a luta trava-se face a face.

Jacaúna atacou Irapuã. Prossegue o horrível combate que bastara a dez bravos, e não esgotou ainda a força dos grandes chefes. Quando os dois tacapes se encontram, a batalha toda estremece como um só guerreiro até ás entranhas.

O irmão de Iracema veio direito ao estrangeiro, que arrancara a filha de Araquém à cabana hospedeira; o faro

da vingança guia-o; a vista da irmã assanha a raiva no seu peito. O guerreiro Caubi assalta com furor o inimigo.

Iracema, unida ao flanco do seu guerreiro e esposo, viu de longe Caubi e disse-lhe assim:

— Senhor de Iracema, ouve o rogo da tua escrava; não derrames o sangue do filho de Araquém. Se o guerreiro Caubi tem de morrer, morra ele por esta mão, não pela tua.

Martim pôs no rosto da virgem olhos de horror:

— Iracema matará o seu irmão?

— Iracema antes quer que o sangue de Caubi tinja a sua mão que a tua; porque os olhos de Iracema veem a ti, e a ela não.

Travam a luta os guerreiros. Caubi combate com furor; o cristão defende-se apenas; mas a seta embebida no arco da esposa guarda a vida do guerreiro contra os golpes do inimigo.

Poti já prostrou o velho Andira e quantos guerreiros topou na luta o seu válido tacape. Martim abandona o filho de Araquém, e corre sobre Irapuã:

— Jacaúna é um grande chefe, o seu colar de guerra dá três voltas ao peito (*). O Tabajara pertence ao guerreiro branco.

[(*) O Colar de Guerra era feito com os dentes dos homens que o seu portador matara. Quando mais dentes tivesse o colar, mais bravo e valoroso era o seu dono.]

— A vingança é a honra do guerreiro, e Jacaúna ama o amigo de Poti.

O grande chefe Potiguara levou além o formidável tacape. O combate renhiu-se entre Irapuã e Martim. A espada do cristão, batendo na clava do selvagem, fez-se em pedaços. O chefe Tabajara avançou contra o peito inerme do adversário.

Iracema silvou como a boicininga *(cobra cascavel)*, e arremessou-se perante a fúria do guerreiro Tabajara. A arma rígida tremeu na destra possante e o braço caiu desfalecido.

Soou a pocema da vitória. Os guerreiros Potiguaras conduzidos por Jacaúna e Poti varriam a floresta. Os Tabajaras, fugindo, arrebataram o seu chefe ao ódio da filha de Araquém que o podia abater, como a jandaia *(a alegre ave)* abate o procero coqueiro roendo-lhe o cerne.

Os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres dos seus irmãos; e longe o bando dos guerreiros Tabajaras que fugia em nuvem negra de pó. Aquele sangue que enrubescia a terra era o mesmo sangue brioso que lhe ardia nas faces de vergonha.

O choro orvalhou o seu lindo rosto.

Martim afastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema. Deixou que a sua dor nua se banhasse nas lágrimas.

CAPÍTULO 19

Poti voltou de perseguir o inimigo. Os seus olhos encheram-se de alegria, vendo salvo o guerreiro branco.

O cão fiel seguia-o de perto, lambendo ainda nos pêlos do focinho a marugem do sangue Tabajara, de que se fartara; o senhor acariciava-o satisfeito da sua coragem e dedicação. Fora ele quem salvara Martim, ali trazendo com tanta diligência os guerreiros de Jacaúna.

— Os maus espíritos da floresta podem separar outra vez o guerreiro branco do seu irmão Potiguara. O cão seguir-te-á daqui em diante, para que mesmo de longe Poti acuda ao teu chamado.

— Mas o cão é teu companheiro e amigo fiel.

— Mais amigo e companheiro será de Poti, servindo ao seu irmão em vez dele. Tu o chamarás Japi; e ele será o pé ligeiro com que de longe corramos um para o outro.

[(*)Japi (Já = nós + pi = pé), significa, literalmente "O nosso pé"]

Jacaúna deu o sinal da partida.

Os guerreiros Potiguaras caminharam para as margens alegres do rio onde bebem as garças: ali erguia-se a grande taba dos senhores das várzeas.

O Sol deitou-se e novamente levantou-se no céu. Os guerreiros chegaram aonde a serra acabava para dar lugar ao sertão; já tinham passado aquela parte da montanha que, por ser despida de arvoredo e tosquiada como a capivara, a gente de Tupã chamava Ibiapina.

Poti levou o cristão aonde crescia um frondoso jatobá, que afrontava as árvores do mais alto píncaro da serrania, e quando batido pela rajada, parecia varrer o céu com a imensa copa.

— Neste lugar nasceu o teu irmão, disse o Potiguara.

Martim estreitou o peito ao tronco enorme:

— Jatobá, que viste nascer o meu irmão Poti, o estrangeiro abraça-te.

— O raio te decepe, árvore do guerreiro Poti, quando o seu irmão o abandonar.

Depois o chefe disse:

— Ainda Jacaúna não era um guerreiro, Jatobá, o maior chefe, conduzia os Potiguaras à vitória. Tal como as grandes águas correram, ele caminhou para a serra. Aqui chegando, mandou levantar a taba, para estar perto do inimigo e vencê-lo mais vezes. A mesma Lua que o viu chegar, iluminou a rede de onde saiu e a sua esposa deu-lhe Poti, um guerreiro do seu sangue. O luar passava por entre as folhas do jatobá; e o sorriso pelos lábios do varão possante, que tomara o seu nome e robustez.

Iracema aproximou-se.

Tal como rola que marisca na areia, afasta-se do companheiro, adeja inquieta de ramo em ramo e arrulha para que lhe responda o ausente amigo. Assim a filha das florestas errara pela encosta, modulando o singelo canto mavioso.

Martim recebeu-a com a alma no rosto; e levando a esposa do lado do coração e o amigo do lado da força, voltou ao rancho dos Potiguaras.

CAPÍTULO 20

A Lua cresceu.

Três sóis havia que Martim e Iracema estavam nas terras dos Potiguaras, senhores das margens do Camucim e Acaraú. Os estrangeiros tinham a sua rede na vasta cabana do grande Jacaúna. O valente chefe guardou para si a alegria de hospedar o guerreiro branco.

Poti abandonou a sua taba para acompanhar o seu irmão de guerra na cabana do seu irmão de sangue e gozar dos instantes que sobravam do amor de Iracema para a amizade, no coração do guerreiro do mar.

A sombra já se retirou da face da terra e Martim viu que ela não se retirara ainda da face da esposa, desde o dia do combate.

— A tristeza mora na alma de Iracema!

— A alegria para a esposa só vem de ti; quando os teus olhos a deixam, as lágrimas enchem os seus.

— Por que chora a filha dos Tabajaras?

— Esta é a taba dos Potiguaras, inimigos do meu povo. O olhar de Iracema já conheceu o crânio dos seus irmãos espetado na caiçara; o ouvido já escutou o canto de morte dos cativos Tabajaras; a mão já tocou as armas manchadas com sangue dos seus pais.

A esposa pousou as duas mãos nos ombros do guerreiro, e reclinou-se ao peito dele:

— Iracema tudo sofre pelo seu guerreiro e senhor. A ata *(uma fruta)* é doce e saborosa; mas quando a machucam, azeda. A tua esposa não quer que o seu amor azede o teu coração; mas que te encha das doçuras do mel.

— Que volte o sossego ao seio da filha dos Tabajaras; ela vai deixar a taba dos inimigos do seu povo.

O cristão caminhou para a cabana de Jacaúna. O grande chefe alegrou-se vendo chegar o seu hóspede; mas a alegria fugiu logo da sua cara guerreira. Martim dissera:

— O guerreiro branco parte da tua cabana, grande chefe.

— Alguma coisa te faltou na taba de Jacaúna?

— Nada faltou ao teu hóspede. Ele era feliz aqui; mas a voz do coração chama-o a outros sítios.

— Então parte, e leva o que é preciso para a viagem. Tupã te fortaleça, e te traga outra vez à cabana de Jacaúna, para que ele festeje a tua boa-vinda.

Poti chegou; sabendo que o guerreiro do mar ia partir, disse:

— O teu irmão acompanha-te.

— Os guerreiros de Poti precisam do seu chefe.

— Se tu não queres que eles vão com Poti, Jacaúna os conduzirá à vitória.

— A cabana de Poti ficará deserta e triste.

— Deserto e triste será o coração do teu irmão longe de ti.

O guerreiro do mar deixou as margens do rio das garças, e caminhou para as terras onde o Sol se deita. A esposa e o amigo seguem a sua marcha.

Passam além da fértil montanha, onde a abundância dos frutos criava grande quantidade de mosca, de que veio-lhe o nome de Meruoca.

Atravessam os riachos que levam as suas águas ao rio das garças, e avistam ao longe no horizonte uma alta serrania. Expira o dia; nuvem negra voa dos lados do mar: são os urubus que pastam nas praias a carniça que o oceano arroja, e com a noite voltam ao ninho.

Os viajantes dormem em Uruburetama.(*)

[(*) Uruburetama = literalmente, "terra ou ninho de urubus", é uma serra localizada no noroeste cearense.]

Quando o Sol voltou, chegaram às margens do rio, que nasce da quebrada da serra e desce a planície enroscando-se como uma cobra. As suas voltas contínuas enganam a cada passo o peregrino que vai a seguir o tortuoso curso; por isso foi chamado Mundaú.

Perlongando as frescas margens, viu Martim no seguinte sol *(no dia seguinte)* os verdes mares e as alvas praias onde as ondas murmurosas às vezes soluçam e outras raivam de fúria, rebentando em frocos de espuma.

Os olhos do guerreiro branco dilataram-se pela vasta imensidade; o seu peito suspirou. Esse mar beijava também as brancas areias do Potengi, o seu berço natal (*), onde ele vira a luz americana. Arrojou-se nas ondas e pensou banhar o seu corpo nas águas da pátria, como banhara a sua alma nas saudades dela.

[(*) Potengi é o nome do rio que atravessa a cidade de Natal, uma cidade fundada por colonos portugueses precisamente por alturas do Natal, daí o nome. No que diz respeito a ser "o seu berço natal", não se refere certamente ao local do seu nascimento pois Martim Soares Moreno, cuja personagem é real, nasceu e morreu em Portugal. José de Alencar refere-se, com natural patriotismo, á afeição que Martim ganhara á terra que tomara como sua. Outra coisa não podia ser pois Martim é considerado o herói fundador do estado do Ceará, de onde vem esta lenda.]

Iracema sentiu chorar-lhe o coração; mas não tardou que o sorriso do seu guerreiro o acalentasse.

Entretanto Poti, do alto do coqueiro, flechava o saboroso camorupim *(um peixe)* que brincava na pequena baía do Mundaú; e preparava o moquém *(provisões)* para a refeição.

CAPÍTULO 21

Já descia o Sol das alturas do céu.

Chegam os viajantes à foz do rio onde se criam em grande abundância as saborosas traíras; as suas praias são povoadas pela tribo dos pescadores, da grande nação dos Potiguaras.

Eles receberam os estrangeiros com a hospitalidade generosa, que era uma lei da sua religião; e Poti com o respeito que merecia tão grande guerreiro, irmão de Jacaúna, maior chefe da forte gente Potiguara.

Para repousar os viajantes, e acompanhá-los na despedida, o chefe da tribo recebeu Martim, Iracema e Poti na jangada, e abrindo a vela à brisa, levou-os até muito longe da costa.

Todos os pescadores nas suas jangadas seguiam o chefe e atroavam os ares com o canto de saudade, e os múrmuros do uraçá *(uma ave)*, que imita os soluços do vento.

Para lá da tribo dos pescadores estava a entrada para as serras a tribo dos caçadores. Eles ocupavam as margens do Soipé, cobertas de matas, onde os veados, as gordas pacas e os macios jacus abundavam. Assim os habitadores dessas margens deram-lhes o nome de país da caça.

O chefe dos caçadores, Jaguaraçu, tinha a sua cabana à beira do lago que forma o rio perto do mar. Aí acharam os viajantes o mesmo agasalho que tinham recebido dos pescadores.

Depois que partiram do Soipé, os viajantes atravessaram o rio Pacoti, em cujas margens cresciam as frondosas bananeiras abanando os verdes penachos; mais longe o

Iguape, onde a água faz cintura em torno dos cômoros de areia.

Além assomou no horizonte um monte alto de areia que tinha a alvura da espuma do mar. O cabo sobranceiro aos coqueiros parece a cabeça calva do condor, esperando ali a borrasca, que vem dos confins do oceano.

— Poti conhece o monte grande das areias? perguntou o cristão.

— Poti conhece toda a terra dos Potiguaras, desde as margens do grande rio, que forma um braço do mar, até à margem do rio onde habita o jaguar. Ele já esteve no alto do Mocoribe; e de lá viu correr no mar as grandes igaras *(embarcações)* dos guerreiros brancos, os teus inimigos, que estão no Mearim.

— Por que chamas tu Mocoribe ao monte grande das areias?

— O pescador da praia, que vai à jangada, lá onde voa a ati, fica triste, longe da terra e da sua cabana, onde dormem os filhos do seu sangue. Quando ele volta o que os seus olhos primeiro avistam é o monte das areias e a alegria volta ao seio do homem. Então diz ele que o monte das areias dá alegria!

— O pescador diz bem; porque o teu irmão ficou contente como ele, vendo o monte das areias.

Martim subiu com Poti ao cimo do Mocoribe. Iracema, seguindo com os olhos o esposo, divagava como a jaçanã *(uma ave)* em torno do lindo seio, que ali fez a terra para receber o mar.

De passagem ela colhia os doces cajus, que aplacam a sede aos guerreiros, e apanhava as mimosas conchas para ornar o seu colo.

Os viajantes estiveram em Mocoribe três sóis. Depois Martim levou os seus passos além. A esposa e o amigo seguiram-no até à embocadura de um rio cujas margens eram alagadas e cobertas de mangue (*). O mar entrando por ele formava uma bacia de água cristalina, que parecia cavada na pedra como um camucim. *(vaso funerário)*

[(*) Mangue ou manguezal é uma vegetação característica das zonas tropicais que crescem junto a zonas costeiras onde haja encontro entre a águas de rio e do mar. Mistura tanto de arbusto como de árvore, chega a cobrir completamente as margens das costas.]

O guerreiro cristão ao percorrer essa paragem, começou a pensar. Até ali ele caminhava sem destino, movendo os seus passos ao acaso; não tinha outra intenção a não ser afastar-se das tabas dos Potiguaras para arrancar a tristeza do coração de Iracema. O cristão sabia por experiência que a viagem acalenta a saudade, porque a alma pára enquanto o corpo se move. Agora sentado na praia, pensava.

Poti veio:

— O guerreiro branco pensa; o seio do irmão está aberto para receber o seu pensamento.

— O teu irmão pensa que este lugar é melhor do que as margens do Jaguaribe para a taba dos guerreiros da sua raça. Nestas águas as grandes igaras (naus, embarcações) que vêm de longe terras esconderiam do vento e do mar; daqui elas iriam ao Mearim destruir os brancos tapuias (*), aliados dos Tabajaras, inimigos da tua nação.

[(*)Tapuia era inicialmente o nome que os índios Tupi, que habitavam as regiões da costa brasileira, davam aos outros índios que não falavam a sua língua e que viviam nas regiões do interior brasileiro. Tapuia quer dizer "bárbaro" e "inimigo". "Brancos tapuia" eram todos os brancos que eles consideravam inimigos. Os índios que tinham relações com os portugueses chamavam tapuias aos franceses, e vice-versa.]

O chefe Potiguara meditou e respondeu:

— Vai buscar os teus guerreiros. Poti plantará a sua taba junto da mairi *(povoação branca)* do seu irmão.

Aproximava-se Iracema. O cristão pediu, com um gesto, o silêncio ao chefe Potiguara.

— A voz do esposo cala-se, e os seus olhos baixam-se, quando chega Iracema. Queres que ela se afaste?

— Quer o teu esposo que chegues mais perto, para que a sua voz e os seus olhos penetrem mais dentro da tua alma.

A formosa selvagem desfez-se em risos, como se desfaz a flor do fruto que desponta, e foi debruçar-se na espádua do guerreiro.

— Iracema escuta-te.

— Estes campos são alegres, e mais serão quando Iracema neles habitar. Que diz o teu coração?

— O coração da esposa está sempre alegre junto do seu senhor e guerreiro.

***

O cristão, seguindo pela margem do rio, escolheu um lugar para levantar a cabana. Poti cortou esteios dos troncos da carnaúba; a filha de Araquém ligou os leques da palmeira para vestir o teto e as paredes; Martim cavou a terra com a espada e fabricou a porta das fasquias de taquara *(uma árvore).*

Quando veio a noite, os dois esposos armaram a rede na sua nova cabana; e o amigo no copiar *(posto de vigia)* que olhava para o nascente.

CAPÍTULO 22

Poti saudou o amigo e disse assim:

— Antes que o pai de Jacaúna e Poti, o valente guerreiro Jatobá, mandasse sobre todos os guerreiros Potiguaras, o grande tacape da nação estava na destra de Batuireté, o maior chefe, pai de Jatobá. Foi ele que veio pelas praias do mar até o rio do jaguar, e expulsou os Tabajaras para dentro das terras, marcando a cada tribo o seu lugar; depois entrou pelo sertão até à serra que tomou o seu nome.

“Quando as suas estrelas eram muitas, e tantas que o seu camucim já não cabia as castanhas que marcavam o número (*), o corpo vergou, o braço endureceu como o ramo do ubiratã que não verga e os seus olhos escureceram-se.

[(*) O camucim não servia apenas para guardar o corpo dos mortos. Servia também de contagem do tempo, guardando-se lá dentro uma castanha de caju ou uma pequena pedra a cada ano que passava. Se um camucim estivesse cheio quando era altura de o corpo ser ali sepultado, era sinal de que essa pessoa tinha vivido uma vida cheia. Camucim quer dizer em tupi: “sorvedouro de tempo”.]

“Chamou então o guerreiro Jatobá e disse: — Filho, pega no tacape da nação Potiguara. Tupã não quer que Batuireté o leve mais à guerra, pois tirou a força do seu corpo, o movimento do seu braço e a luz dos seus olhos. Mas Tupã foi bom para ele, pois deu-lhe um filho como o guerreiro Jatobá.

“Jatobá empunhou o tacape dos Potiguaras. Batuireté tomou o bordão da sua velhice e caminhou. Foi

atravessando os vastos sertões, até os campos viçosos onde correm as águas que vêm das bandas da noite. Quando o velho guerreiro arrastava o passo pelas margens, e a sombra dos seus olhos não lhe deixava que visse mais os frutos nas árvores ou os pássaros no ar, disse ele na sua tristeza: — Ah! os meus tempos passados!

"A gente que o ouvia chorava a ruína do grande chefe; e desde então passando por aqueles lugares repetia as suas palavras; donde veio chamar-se o rio e os campos, Quixeramobim.(*)

[(*)Quixeramobim (Quixere = os meus + amôbinhê = outros tempos), poderá traduzir-se por "Saudade" pois traduz precisamente o sentimento de falta de tempos passados.]

"Batuireté veio pelo caminho das garças até àquela serra que tu vês longe, onde primeiro habitou. Lá no píncaro o velho guerreiro fez o seu ninho alto como o gavião, para encher o resto dos seus dias, conversando com Tupã. O seu filho já dorme embaixo da terra, e ele ainda na outra lua cismava na porta da sua cabana, esperando a noite que traz o grande sono. Todos os chefes Potiguaras, quando acordam à voz da guerra, vão pedir ao velho que lhes ensine a vencer, porque nenhum outro guerreiro nunca soube como ele combater. Assim as tribos não o chamam mais pelo nome, mas pelo grande sabedor da guerra, Maranguab.

"O chefe Poti vai à serra ver o seu grande avô; mas antes que o dia morra, ele estará de volta à cabana do seu irmão. Tens tu outra vontade?"

— O guerreiro branco acompanha-te. Ele quer abraçar o grande chefe dos Potiguaras, avô do seu irmão, e dizer ao velho que renasce no seu neto.

Martim chamou Iracema; e partiram ambos guiados pelo Potiguara para a serra do Maranguab, que se erguia no horizonte. Foram seguindo o curso do rio até onde nele entrava o ribeiro de Pirapora.

A cabana do velho guerreiro estava junto das formosas cascatas, onde salta o peixe no meio dos borbotões de espuma. As águas ali são frescas e macias, como a brisa do mar, que passa entre as palmas dos coqueiros, nas horas da calma.

Batuireté estava sentado sobre uma das lapas da cascata; e o sol ardente caía sobre a sua cabeça nua de cabelos e cheia de rugas como o jenipapo. De igual modo dorme o jaburu *(uma ave)* na borda do lago.

— Poti veio à cabana do grande Maranguab, pai de Jatobá, e trouxe o seu irmão branco para ver o maior guerreiro das nações.

O velho abriu as pesadas pálpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os lábios murmuraram:

— Tupã quis que estes olhos vissem, antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja. (*)

[(*)Nota do autor: Batuireté o guerreiro branco de gavião, ao passo que trata o neto por narceja; ele profetiza nesse paralelo a destruição da sua raça pela raça branca.]

O abaeté derrubou a cara ao peito, e não disse mais, nem mais se moveu.

Poti e Martim julgaram que dormia e afastaram-se com respeito para não perturbar o repouso de quem tanto obrara na longa vida. Iracema, que se banhava numa cachoeira *(pequena cascata)* próxima, veio-lhes ao

encontro, trazendo na folha da taioba favos de mel puríssimo.

Discorreram os amigos pelas floridas encostas até que as sombras da montanha se estenderam pelo vale. Voltaram então ao lugar onde tinham deixado o Maranguab.

O velho ainda lá estava na mesma atitude, com a cabeça derrubada para o peito e os joelhos encostados à cara. As formigas subiam pelo seu corpo; e os tuins *(pequenos pássaros)* adejavam-lhe em torno e pousavam-lhe na cabeça calva.

Poti pôs a mão no crânio do velho e viu que este tinha finado; morrera de velhice. Então o chefe Potiguara entoou o canto da morte; e depois foi à cabana buscar o camucim, que transbordava com as castanhas do caju. Martim contou cinco vezes cinco mãos.

Entretanto Iracema colhia na floresta a andiroba, de que foi ungido o corpo do velho no camucim, onde a mão piedosa do neto o encerrou. O vaso fúnebre ficou suspenso ao teto da cabana.

Depois de ter plantado urtiga em frente à porta, para a defender contra os animais a acabana abandonada, Poti despediu-se triste daqueles lugares, e voltou com os seus companheiros à borda do mar.

CAPÍTULO 23

Quatro luas tinham iluminado o céu depois que Iracema deixara os campos do Ipu; e três depois que ela habitava nas praias do mar a cabana do seu esposo.

A alegria morava na sua alma. A filha dos sertões era feliz, como a andorinha que abandona o ninho dos seus pais e emigra para fabricar novo ninho no país onde começa a estação das flores. Também Iracema achara nas praias do mar um ninho do amor, nova pátria para o coração.

Ela discorria as amenas campinas, como o colibri borboleteando entre as flores da acácia. A luz da manhã já a encontrava suspensa ao ombro do esposo e sorrindo, como a enrediça *(planta trepadeira)*, que entrelaça o tronco e todas as manhãs o coroa de nova grinalda.

Martim partia para a caça com Poti. Ela separava-se então dele, para mais sentir o desejo de voltar a ele.

Ali perto havia uma formosa lagoa no meio da verde campina. Para lá volvia a selvagem o ligeiro passo. Era a hora do banho da manhã; atirava-se à água, e nadava com as garças brancas e as vermelhas jaçanãs.

Os guerreiros Potiguaras, que apareciam naquelas paragens, passaram a chamar ao lugar de Porangaba - Lagoa da Beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã.

E desde esse tempo as mães vinham de longe mergulhar as suas filhas nas águas da Porangaba, que tinham a virtude de tornar as virgens formosas e amadas pelos guerreiros.

Depois do banho, Iracema discorria até as faldas da serra do Maranguab, onde nascia o ribeiro das marrecas. Ali cresciam na frescura e sombra as frutas mais saborosas de

todo o país; delas fazia copiosa provisão, e esperava, embalando-se nas ramas do maracujá, que Martim voltasse da caça.

Outras vezes não era ao rio Jereraú que a levava a sua vontade, mas do oposto lado, junto da lagoa da Sapiranga, cujas águas diziam que inflamavam os olhos. Perto daí havia um bosque frondoso de muritis *(tipo de palmeira)*, que formavam no meio do campo uma grande ilha de formosas palmeiras.

Iracema gostava do bosque muritiapuá, onde o vento suspirava docemente; ali espolpava ela o vermelho coco, para fabricar a bebida refrigerante, adoçada com o mel da abelha, que os guerreiros amavam durante a maior calma do dia.

***

Uma manhã Poti guiou Martim à caça. Caminharam até uma serra, que se erguia ao lado de uma outra, sua irmã, chamada Maranguab. O alto cabeço curva-se à semelhança do bico adunco da arara; pelo que os guerreiros a chamaram Aratanha. Eles subiram pela encosta do rio Guaiúba por onde as águas descem para o vale, e foram até ao riacho habitado pelas pacas.

Só havia sol no bico da arara quando os caçadores desceram à planície. De longe viram Iracema, que viera esperá-los à margem da sua lagoa Porangaba. Caminhava para eles com o passo altivo da garça que passeia à beira da água: por cima da carioba *(veste de algodão)* trazia uma cintura das flores da maniva, que era o símbolo da fecundidade. Colar das mesmas cingia-lhe o colo e ornava os rijos seios palpitantes.

Travou da mão do esposo, e pôs-lha no regaço:

— O teu sangue já vive no seio de Iracema. Ela será mãe do teu filho!

— Filho, dizes tu! — exclamou o cristão em júbilo.

Ajoelhou ali e, cingindo-a com os braços, beijou o ventre fecundo da esposa.

Quando se ergueu, Poti disse:

"A felicidade do mancebo é a esposa e o amigo; a primeira dá alegria; o segundo dá força: o guerreiro sem a esposa é como a árvore sem folhas nem flores; nunca ela verá o fruto. O guerreiro sem amigo é como a árvore solitária no meio do campo que o vento embalança: o fruto dela nunca amadura. A felicidade do varão é a prole, que nasce dele e faz o seu orgulho; cada guerreiro que sai das suas veias é mais um ramo que leva o seu nome às nuvens, como a grimpa do cedro. Amado de Tupã é o guerreiro que tem uma esposa, um amigo e muitos filhos; ele nada mais deseja senão a morte gloriosa."

Martim uniu o peito ao peito de Poti:

— O coração do esposo e do amigo disse pela tua boca. O guerreiro branco é feliz, chefe dos Potiguaras, senhores das praias do mar; e a felicidade nasceu para ele na terra das palmeiras, onde recende a baunilha, e foi gerada do sangue da tua raça, que tem no rosto a cor do sol. O guerreiro branco não quer mais outra pátria, senão a pátria do seu filho e do seu coração.

Ao romper da alva Poti partiu para colher as sementes de crajuru que dão a mais bela tinta vermelha, e a casca do angico de onde sai a cor negra mais lustrosa. De caminho a sua flecha certeira abateu o pato selvagem que planava nos ares e arrancou-lhe das asas as longas penas. Subindo ao Mocoribe, rugiu a inúbia *(trombeta indígena)*. A refega que

vinha do mar levou longe o rouco som. O búzio dos pescadores do Trairi e a corneta dos caçadores do Soipé responderam.

Martim banhou-se na água do rio e passeou na praia para secar o corpo ao vento e ao sol. Ao seu lado ia Iracema, que apanhava o âmbar amarelo, que o mar arrojava. Todas as noites a esposa perfumava o seu corpo e a alva rede, para que o amor do guerreiro se deleitasse nela.

Voltou Poti.

CAPÍTULO 24

Era costume da raça, filha de Tupã, que o guerreiro trouxesse no corpo as cores da sua nação.

Traçavam ao início negras riscas sobre o corpo, à semelhança do pêlo do coati (*), de onde procedeu o nome dessa arte da pintura guerreira. Depois variavam as cores, e muitos guerreiros costumavam escrever os emblemas dos seus feitos.

[(*)Coati ou Quati, é um mamífero típico da américa central e do sul. Não tem semelhança com nenhum outro animal conhecido. Tem um focinho de um papa-formigas, o corpo de uma doninha e uma cauda listrada como a de alguns felinos.]

O estrangeiro, tendo adotado a pátria da esposa e do amigo, devia passar por aquela cerimónia, para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupã. Nessa intenção fora Poti prover-se dos objetos necessários.

Iracema preparou as tintas. O chefe, embebendo as ramas da pluma, traçou pelo corpo os riscos vermelhos e pretos, que ornavam a grande nação Potiguara. Depois pintou na cara uma flecha e disse:

— Assim como a seta traspassa o duro tronco, assim o olhar do guerreiro penetra na alma dos povos.

No braço um gavião.

— Assim como o anajê cai das nuvens, assim cai o braço do guerreiro sobre o inimigo.

No pé esquerdo a raiz do coqueiro.

— Assim como a pequena raiz agarra na terra o alto coqueiro, o pé firme do guerreiro sustenta o seu corpo.

No pé direito pintou uma asa:

— Assim como a asa do majoí rompe os ares, o pé veloz do guerreiro não tem igual na corrida.

Iracema tomou a rama da pena e pintou uma folha com uma abelha sobre o seu peito. A sua voz ressoou entre sorrisos:

— Assim como a abelha fabrica mel no coração negro do jacarandá, a doçura está no peito do mais valente guerreiro.

Martim abriu os braços e os lábios para receber o corpo e alma da esposa.

— O meu irmão é um grande guerreiro da nação Potiguara; ele precisa de um nome na língua da sua nação.

— O nome do teu irmão está no seu corpo, onde o pôs a tua mão.

— Coatiabo *(Guerreiro-Pintado)*! exclamou Iracema.

— Tu disseste; eu sou o guerreiro pintado; o guerreiro da esposa e do amigo.

Poti deu ao seu irmão o arco e o tacape, que são as armas nobres do guerreiro. Iracema tinha tecido para ele o cocar e a araçóia, ornamentos dos chefes ilustres.

A filha de Araquém foi buscar à cabana as iguarias do festim e os vinhos de jenipapo e mandioca. Os guerreiros beberam copiosamente e fizeram as danças alegres. Enquanto volveram em torno dos fogos da alegria, ressoaram as canções.

Poti cantou:

— Como a cobra que tem duas cabeças num só corpo, assim é a amizade de Coatiabo e Poti.

Acudiu Iracema:

— Como a ostra que não deixa o rochedo, ainda depois de morta, assim é Iracema junto ao seu esposo.

Os guerreiros disseram:

— Como o jatobá na floresta, assim é o guerreiro Coatiabo entre o irmão e a esposa: os seus ramos abraçam os ramos do ubiratã, e a sua sombra protege a relva humilde.

Os fogos da alegria arderam até que veio a manhã; e com eles durou o festim dos guerreiros.

CAPÍTULO 25

A alegria ainda morou na cabana durante todo o tempo em que as espigas de milho levaram a amarelecer.

Numa alvorada, encontrou-se o cristão a caminhar pela borda do mar. A sua alma estava cansada.

O colibri sacia-se de mel e perfume; depois adormece no seu branco ninho de cotão, até que volta no outro ano a lua das flores. Como o colibri, a alma do guerreiro também se satura de felicidade, e carece de sono e repouso.

A caça e as excursões pelas montanhas em companhia do amigo, as carícias da terna esposa que o esperavam no regresso, o doce carbeto (*) no limiar da cabana, já não acordavam nele as emoções de outrora. O seu coração ressonava.

[(*) Carbeto era uma reunião que os índios faziam à noite, durante o serão, na taba maior da aldeia onde todos se reuniam para conversar.]

Iracema brincava pela praia. Os olhos dele retiravam-se dela para se estenderem pela imensidade dos mares.

Viram umas asas brancas, que adejavam pelos campos azuis. Conheceu o cristão que era uma grande igara *(embarcação)* de muitas velas, como construíam os seus irmãos; e a saudade da pátria apertou-lhe no peito.

Alto ia o Sol; e o guerreiro na praia seguia com os olhos as asas brancas que fugiam. Em vão a esposa o chamou à cabana, em vão ofereceu aos seus olhos as graças dela e os frutos melhores do campo. Não se moveu dali o guerreiro, senão quando a vela se sumiu no horizonte.

Poti voltou da serra, onde pela vez primeira fora sozinho. Tinha deixado a serenidade na cara do seu irmão e achava agora ali a tristeza. Martim saiu-lhe ao encontro:

— A igara grande do branco tapuia *(inimigo)* passou no mar. Os olhos do teu irmão viram-na voar para as margens do Mearim, onde estão os aliados dos Tupinambás(*), inimigos da tua e da minha raça.

[(*)Os Tupinambás eram outra tribo de índios da nação Tupi-Guarani que, tal como os Potiguaras viviam nas regiões costeiras brasileira e eram inimigos destes. Aliaram-se aos franceses o que acabaria por ser o seu infortúnio pois com a expulsão destes pelos portugueses e pelos seus aliados índios, foram depois perseguidos até à quase extinção.]

— Poti é senhor de mil arcos; se é teu desejo, ele te acompanhará com os seus guerreiros às margens do Mearim para vencer o tapuitinga *(bárbaros brancos, neste caso os franceses)* e o seu amigo, o traidor tupinambá.

— Quando for tempo o teu irmão te dirá.

Os guerreiros entraram na cabana, onde estava Iracema. A maviosa canção nesse dia tinha emudecido nos lábios da esposa. Ela tecia suspirando a franja da rede materna, mais larga e espessa que a rede do himeneu.

Poti, que a viu tão ocupada, disse:

— Quando a sabiá canta é tempo do amor; quando emudece, fabrica o ninho para a sua prole; é tempo do trabalho.

— O meu irmão fala como a rã quando anuncia a chuva; mas a sabiá que faz o seu ninho, não sabe se dormirá nele.

A voz de Iracema gemia. O seu olhar buscou o esposo. Martim pensava: as palavras de Iracema passaram por ele, como a brisa pela face lisa da rocha, sem eco nem rumores.

O Sol brilhava sempre sobre as praias do mar, e as areias refletiam os raios ardentes; mas nem a luz que vinha do céu, nem a luz que ia da terra afugentaram a sombra na alma do cristão. Cada vez o crepúsculo era maior na sua cara.

Chegou das margens do Acarú um guerreiro Potiguara, mandado por Jacaúna ao seu irmão Poti. Ele veio a seguir o rastro dos viajantes até o Trairi, onde os pescadores o guiaram à cabana.

Poti ergueu-se e abaixou a cara para escutar com respeito e gravidade as palavras que lhe mandava o seu irmão pela boca do mensageiro:

— O tapuitinga, que estava no Mearim, veio pelas matas até o princípio da Ibiapaba, onde fez aliança com Irapuã, para combater a nação Potiguara. Eles vão descer da serra às margens do rio em que bebem as garças e onde tu levantaste a taba dos teus guerreiros. Jacaúna chama-te para defender os campos dos nossos pais: o teu povo carece do seu maior guerreiro.

— Volta às margens do Acaraú, e o teu pé não descanse enquanto não pisar o chão da cabana de Jacaúna. Quando aí estiveres, diz ao grande chefe: — "O teu irmão virá à taba dos seus guerreiros." — E tu não mentirás.

O mensageiro partiu.

Poti vestiu as suas armas e caminhou para a várzea, guiado pela marca dos passo de Martim, o Coatiabo *(guerreiro-pintado)*. Ele encontrou-o muito além, vagando entre os canaviais que bordam as margens de Jacareí.

— O branco tapuia *(inimigo)* está na Ibiapaba para ajudar os Tabajaras a combater contra Jacaúna. O teu irmão corre a defender a terra dos seus filhos, e a taba onde dorme os camucins *(vasos sepulcrais)* dos seus pais. Ele saberá vencer depressa para voltar à tua presença.

— O teu irmão parte contigo. Nada separa os dois guerreiros amigos quando soa a inúbia *(corneta)* da guerra.

— Tu és grande, como o mar, e bom como o céu.

Os dois amigos abraçaram-se; e seguiram com o rosto para o lado do nascente.

CAPÍTULO 26

Caminhando, caminhando, chegaram os guerreiros à margem de um lago que havia na planície.

O cristão parou de repente e voltou o rosto para os lados do mar: a tristeza saiu-lhe do coração e subiu-lhe à cara.

— Meu irmão, disse o chefe, o teu pé criou raiz na terra do amor. Fica. Poti voltará brevemente.

— O teu irmão acompanha-te; ele já o disse, e a sua palavra é como a seta do teu arco; quando soa, é chegada.

— Queres que Iracema te acompanhe às margens do Acaraú?

— Nós vamos combater os seus irmãos. A taba dos Potiguaras só terá para ela tristeza e dor. A filha dos Tabajaras deve ficar.

— Que esperas tu então?

— O teu irmão aflige-se porque a filha dos Tabajaras pode ficar triste e abandonar a cabana, sem esperar pelo seu regresso. Antes de partir ele queria sossegar o espírito da esposa.

Poti refletiu:

— As lágrimas da mulher amolecem o coração do guerreiro, como o orvalho da manhã amolece a terra.

— O meu irmão é um grande sabedor. O esposo deve partir sem ver Iracema.

O cristão avançou. Poti mandou-lhe que esperasse; da aljava de setas que Iracema emplumara de penas vermelhas e pretas, e suspendera aos ombros do esposo, tirou uma.

O chefe Potiguara vibrou o arco; a seta atravessou um goiamum *(caranguejo de rio, maior que o caranguejo comum)* que discorria pelas margens do lago, e só parou onde a pluma não a deixou mais entrar.

Fincou o guerreiro no chão a flecha, com a presa atravessada, e disse a Coatiabo:

— Podes partir agora. Iracema seguirá o teu rastro; chegando aqui, verá a tua seta, e obedecerá à tua vontade.

Martim sorriu; e quebrando um ramo do maracujá, a flor da lembrança, entrelaçou-o na haste da seta, e partiu enfim seguido por Poti.

Em breve desapareceram os dois guerreiros entre as árvores.

***

O calor do Sol já tinha secado os seus passos na beira do lago. Iracema inquieta veio pela várzea a seguir o rastro do esposo até à planície. As sombras doces vestiam os campos quando ela chegou à beira do lago.

Os seus olhos viram a seta do esposo fincada no chão, o goiamum trespassado, o ramo partido, e encheram-se de choro.

— Ele manda que Iracema ande para trás, como o goiamum, e guarde a sua lembrança, como o maracujá guarda a sua flor todo o tempo, até morrer.

A filha dos Tabajaras retraiu os passos lentamente, sem volver o corpo, nem tirar os olhos da seta do seu esposo, e voltou à cabana. Aí sentada à soleira, com a cara nos joelhos esperou, até que o sono acalentou a dor no seu peito.

Assim que alvorou o dia, ela moveu o passo rápido até à lagoa, e chegou à margem. A flecha lá estava como na véspera: o esposo não tinha voltado.

Desde então à hora do banho, em vez ir à lagoa da beleza, onde outrora tanto gostara de nadar, caminhava para aquela, que vira o seu esposo abandoná-la. Sentava-se junto à flecha, até que descia a noite; então recolhia-se à cabana.

Tão rápida partia de manhã, como lenta voltava à tarde. Os mesmos guerreiros que a tinham visto alegre nas águas da Porangaba, agora encontrando-a triste e só, como a garça viúva, na margem do rio, chamaram àquele sítio de Mocejana, a abandonada.

Num dia em que a formosa filha de Araquém se lamentava à beira da lagoa da Mocejana, uma voz estridente gritou o seu nome do alto da carnaúba:

— Iracema!... Iracema!...

Ergueu ela os olhos e viu entre as folhas da palmeira a sua linda jandaia, que batia as asas e arrufava as penas com o prazer de vê-la.

A lembrança da pátria, apagada pelo amor, ressurgiu no seu pensamento. Viu os formosos campos do Ipu; as encostas da serra onde nascera, a cabana de Araquém; e teve saudades; mas ainda naquele instante, não se arrependeu de os ter abandonado.

O seu lábio gazeou em canto. A jandaia, abrindo as asas, esvoaçou-lhe em torno e pousou-lhe no ombro. Alongando alegremente o colo, com o negro bico alisou-lhe os cabelos e beliscou-lhe a boca vermelha como uma pitanga.

Iracema lembrou-se que tinha sido ingrata para com a jandaia esquecendo-a no tempo da felicidade; e agora ela vinha para a consolar no tempo da desventura.

Nesta tarde não voltou sozinha à cabana. Durante o dia os seus dedos ágeis teceram um formoso uru *(cesto)* de palha que forrou da felpa macia da monguba (*) para agasalhar a sua companheira e amiga.

[(*) Monguba = árvore que dá um fruto cheio de cotão, de cor negra, que era usado para fiar e tecer.]

Na seguinte alvorada foi a voz da jandaia que a despertou. A linda ave não deixou mais a sua senhora; ou porque depois da longa ausência não se fartasse de a ver, ou porque adivinhava que ela tinha necessidade de quem a acompanhasse na sua triste solidão.

CAPÍTULO 27

Numa tarde Iracema viu de longe dois guerreiros que avançavam pelas praias do mar. O seu coração palpitou mais apressado.

Instante depois ela esquecia nos braços do esposo tantos dias de saudade e abandono, que passara na solitária cabana. Outra vez a sua graça encheu os olhos do cristão; a alegria voltou a habitar na sua alma.

Como a várzea seca que com a vinda do nevoeiro reverdece e matiza-se de flores, a formosa filha do sertão com a volta do esposo reanimou-se; e a sua beleza esmaltou-se de meigos e ternos sorrisos.

Martim e o seu irmão tinham chegado à taba de Jacaúna, quando soava a inúbia; eles guiaram ao combate os mil arcos de Poti. Ainda dessa vez os Tabajaras, apesar da aliança dos brancos tapuias *(inimigos)* do Mearim, foram levados de vencida pelos valentes Potiguaras.

Nunca tão disputada vitória e tão renhida pugna se pelejou nos campos que regam o Acaraú e o Camucim; o valor era igual de parte a parte, e nenhum dos dois povos fora vencido, se o deus da guerra não tivesse decidido dar a vitória à raça do guerreiro branco, aliada dos Potiguaras.

Logo após a vitória o cristão voltara às praias do mar, onde construíra a sua cabana. Novamente sentiu na sua alma a sede do amor; e tremia ao pensar que Iracema tivesse partido, deixando ermo aquele sítio tão povoado outrora pela felicidade.

O cristão amou outra vez a filha do sertão, como da primeira vez, quando parece que o tempo não pode exaurir

o coração. Mas breves sóis bastaram para murchar aquelas flores de um coração exilado da pátria.

O imbu *(uma árvore)*, filho da serra, se nasceu na várzea porque o vento ou as aves trouxeram a sua semente, pode aí vingar se achar boa terra e fresca sombra, copar a verde folhagem e enflorar. Mas basta um sopro do mar, para tudo murchar. As folhas lastram o chão; as flores, leva-as a brisa.

Como o imbu na várzea tal era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor acompanharam-no e sustiveram-no algum tempo; mas agora longe da sua casa e dos seus irmãos, sentiu-se num ermo. O amigo e a esposa não chegavam mais à sua existência, cheia de grandes e nobres ambições.

Passava os antes tão breves sois, agora longos, na praia, a ouvir gemer o vento e soluçar as ondas. Os olhos, engolfados na imensidade do horizonte, procuravam, mas em vão, discernir do azul diáfano a alvura de uma vela perdida nos mares.

À distância curta da cabana, elevava-se à borda do oceano um monte alto de areia; pela semelhança com a cabeça do crocodilo chamavam-no os pescadores Jacarecanga. Do seio das brancas areias escaldadas pelo ardente sol, manava uma água fresca e pura; assim destila a dor lágrimas doces de alívio e consolo.

A esse monte subia o cristão; e lá ficava pensando no seu destino. Às vezes vinham-lhe à mente a ideia de voltar à sua terra e aos seus; mas ele sabia que Iracema o acompanharia; e essa lembrança remordia-lhe o coração. Cada passo mais que afasta dos campos nativos a filha dos Tabajaras, agora que não tem o ninho do seu coração para se abrigar, é uma porção da vida que lhe rouba.

Poti conhece que Martim deseja estar só, e afasta-se discreto. O guerreiro sabe o que aflige a alma do seu irmão; e tudo espera do tempo, porque só o tempo endurece o

coração do guerreiro, como o cerne *(tronco)* do jacarandá *(uma árvore)*.

Iracema também foge dos olhos do esposo, porque já percebeu que esses olhos tão amados se turbam com a vista dela, e em vez de se encherem da sua beleza como outrora, a despedem de si. Mas os olhos dela não se cansam de acompanhar à parte e de longe o guerreiro senhor, que os fez cativos.

Ai dela!... Sentiu já o golpe no coração e como a copaíba *(uma árvore)* ferida no âmago, destila lágrimas em fio.

CAPÍTULO 28

Uma vez o cristão ouviu dentro da sua alma o soluço de Iracema; os seus olhos procuraram-na à volta e não a viram.

A filha de Araquém estava além, entre as verdes moitas de ubaia *(um arbusto que dá fruto)*, sentada na relva. O choro desfiava do seu belo rosto; e as gotas que rolavam a uma e uma caíam sobre o regaço, onde já palpitava e crescia o filho do amor. Assim também caem as folhas da árvore viçosa antes que amadurece o fruto.

— O que espreme as lágrimas do coração de Iracema?

— Tal como chora o cajueiro quando fica com o tronco seco e triste, também Iracema perdeu a sua felicidade, depois que te separaste dela.

— Não estou eu junto a ti?

— O teu corpo está aqui; mas a tua alma voa à terra dos teus pais, e busca a virgem branca, que te espera.

Despontou uma dor no peito de Martim. Os grandes olhos negros que a índia pousara nele tinham-no ferido no âmago.

— O guerreiro branco é o teu esposo: ele pertence-te.

A formosa Tabajara sorriu na sua tristeza:

— Há quanto tempo retiraste Iracema do teu espírito? Antes o teu passo guiava-te para as frescas serras e os alegres prados; o teu pé gostava de pisar a terra da felicidade e seguir o rastro da esposa. Agora só buscas as praias ardentes, porque o mar que lá murmura vem dos campos em que nasceste; e o monte das areias, porque do alto se avista a igara *(embarcação)* que passa.

— É a ânsia de combater o tupinambá *(francês)* que volve o passo do guerreiro para as bordas do mar, respondeu o cristão.

Iracema continuou:

— O teu lábio secou para a esposa, como a cana quando ardem os grandes sóis perde o grato mel e as folhas murchas não podem mais brincar quando passa a brisa. Agora só falas ao vento da praia para que ele leve a tua voz à cabana dos teus pais.

— A voz do guerreiro branco chama os seus irmãos para defender a cabana de Iracema e a terra do seu filho, quando o inimigo vier.

A esposa abanou a cabeça:

— Quando tu passas no prado, os teus olhos fogem do fruto do jenipapo e buscam a flor do espinheiro; a fruta é saborosa e tem a cor dos Tabajaras; mas a flor tem a alvura das faces da virgem branca. Se cantam as aves, o teu ouvido já não gosta de escutar o canto mavioso da graúna; mas a tua alma abre-se para o grito do japim, porque ele tem as penas douradas como os cabelos daquela que tu amas!

— A tristeza escurece a vista de Iracema e amarga o seu lábio. Mas a alegria há de voltar à alma da esposa, como volta à árvore a verde rama.

— Quando o teu filho deixar o seio de Iracema, ela morrerá, como o abati depois de dar o seu fruto. Então o guerreiro branco não terá mais ninguém que o prenda à terra estrangeira.

— A tua voz queima, filha de Araquém, como o sopro que vem dos sertões do Icó, no tempo dos grandes calores. Queres tu abandonar o teu esposo?

— Veem os teus olhos lá o formoso jacarandá *(uma árvore)*, que vai subindo às nuvens; aos seus pés ainda está a seca raiz da murta *(uma planta rasteira)* frondosa, que todos os invernos se cobria de rama e bagos vermelhos, para abraçar o tronco irmão. Se ela não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer àquela altura. Iracema é a folha escura que faz sombra na tua alma; deve cair, para que a alegria ilumine o teu peito.

O cristão cingiu a cintura da formosa índia e estreitou-a ao peito. O seu lábio levou ao lábio da esposa um beijo, mas áspero e amargo.

CAPÍTULO 29

Poti voltou do banho.

Segue na areia o rastro de Coatiabo, e sobe ao alto da Jacarecanga. Aí encontra o guerreiro branco em pé no cabeço do monte, com os olhos alongados e os braços estendidos para os largos mares.

Volve o Potiguara a vista e descobre uma grande igara *(embarcação)*, que vem sulcando os verdes mares, impelida pelo vento:

— É a grande igara dos irmãos do meu irmão que vem buscá-lo!

O cristão suspirou:

— São os guerreiros brancos inimigos da minha raça, que buscam as praias da valente nação Potiguara, para a guerra da vingança; eles foram derrotados com os Tabajaras nas margens do Camucim; agora vêm com os seus amigos Tupinambás pelo caminho do mar.

— O meu irmão é um grande chefe. Que pensa ele que deve fazer o seu irmão Poti?

— Chama os caçadores de Soipé e os pescadores do Trairi. Nós iremos ao seu encontro.

Poti acordou a voz da inúbia *(corneta)*; e os dois guerreiros partiram ambos para o Mocoribe. Um pouco mais além viram os guerreiros de Jaguaraçu e Camoropim que corriam ao grito de guerra. O irmão de Jacaúna avisou-os da vinda do inimigo.

O grande maracatim (*) corre nas ondas, ao longo da terra que se dilata até às margens do Parnaíba.

[(*)Maracatim era o nome dado que davam às suas embarcações de grande porte; às canoas ou outras embarcações menores chamavam Igara, embora, Igara fosse também o termo geral para "embarcação"]

A lua começava a crescer quando ele deixou as águas do Mearim; ventos contrários tinham-no arrastado para os altos-mares, muito além do seu destino.

Os guerreiros Potiguaras, para não espantar o inimigo, ocultam-se entre os cajueiros; e vão seguindo pela praia a grande igara: durante o dia avultam as brancas velas; de noite os fogos atravessam a negrura do mar, como pirilampos perdidos na mata.

Muitos sóis caminharam assim. Passam além do Camucim, e por fim pisam as lindas ribeiras da enseada dos papagaios.

Poti manda um guerreiro ao grande Jacaúna e prepara-se para o combate. Martim, que subiu ao monte de areia, apercebe-se que o grande maracatim vem atracar no seio da terra; e avisa o seu irmão.

***

O Sol já nasceu; os guerreiros guaraciabas(*) e os Tupinambás, seus amigos, correm sobre as ondas nas ligeiras pirogas *(canoas, barcos pequenos)* e aterram na praia. Formam o grande arco, e avançam como o cardume do peixe quando corta a correnteza do rio.

[(*) Guaraciaba, literalmente "cabelos de sol". Era o nome que os índios deram ao Franceses por terem o cabelo claro. Mais tarde o nome passou para os

Holandeses e depois, com a chegada de cada vez mais colonos portugueses e europeus guaraciaba passou a ser o nome para todos os brancos com cabelos louros.]

No centro estão os guerreiros do fogo, que trazem o raio; nas assas os guerreiros do Mearim, que brandem o tacape.

Mas nunca nenhuma nação vibrou o arco certeiro como a grande nação Potiguara; e Poti é o maior chefe, de quantos chefes empunharam a inúbia *(corneta)* guerreira. Ao seu lado caminha o irmão, tão grande chefe como ele, e sabedor das manhas da raça branca dos cabelos do sol.

Durante a noite os Potiguaras fincam na praia a forte caiçara *(muralha)* de espinho, e levantam contra ela um muro de areia, onde o raio esfria e se apaga. Aí esperam o inimigo. Martim manda que outros guerreiros subam à copa dos mais altos coqueiros; ali defendidos pelas largas palmas, esperam o momento do combate.

A seta de Poti foi a primeira que partiu, e o chefe dos guaraciabas foi o primeiro que mordeu o pó da terra estrangeira. Rugem os trovões na destra dos guerreiros brancos; mas os raios que desferem mergulham-se na areia, ou perdem-se nos ares.

As setas dos Potiguaras já caem do céu, já voam da terra, embebem-se todas no peito do inimigo. Cada guerreiro tomba crivado de muitas flechas, como a presa que as piranhas disputam nas águas do lago.

Os inimigos embarcam outra vez nas pirogas *(barcos)*, e voltam ao maracatim *(navio)* em busca dos grandes e pesados trovões *(canhões)*, que nem um homem só nem dois podem manejar.

Quando voltam, o chefe dos pescadores, que corre nas águas do mar como o veloz camoropim *(um peixe)*, de que tomou o nome, arroja-se nas ondas, e mergulha. Ainda a

espuma não se apagara, e já a piroga inimiga se afundou, parecendo que a tragara uma baleia.

Veio a noite, que trouxe o repouso.

Ao romper da alva, o maracatim fugia no horizonte para as margens do Mearim. Jacaúna chegou, não para o combate e sim para o festim da vitória.

Nessa hora em que o canto guerreiro dos Potiguaras celebrava a derrota dos guaraciabas, o primeiro filho que o sangue da raça branca gerara nessa terra da liberdade via a luz nos campos da Porangaba.

CAPÍTULO 30

Iracema julgou que o seio rompia-se; e buscou a margem do rio, onde crescia o coqueiro.

Estreitou-se com a haste da palmeira. A dor lacerou as suas entranhas; porém logo o choro infantil inundou todo o seu ser de júbilo.

A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com ele arrojou-se às águas límpidas do rio. Depois suspendeu-o à teta mimosa; os seus olhos então envolviam-no de tristeza e amor.

— Tu és Moacir *(filho da dor)*, o nascido do meu sofrimento.

A ará, a ave amiga, pousada no ramo do coqueiro, repetiu o nome: Moacir; unindo ao nome da mãe, o nome do filho.

O inocente dormia; Iracema suspirava:

— A jati *(abelha)* fabrica o mel no tronco cheiroso do sassafrás *(uma árvore)*; toda a lua das flores *(primavera)* voa de ramo em ramo, colhendo o sumo para encher os favos; mas ela não prova a sua doçura, porque a irara *(espécie de fuinha)* devora numa noite toda a colmeia. A tua mãe também, filho da minha angústia, não beberá nos teus lábios o mel do sorriso.

A jovem mãe passou aos ombros a larga faixa de macio algodão, que fabricara para trazer o filho sempre unido ao flanco; e seguiu pela areia o rastro do esposo, que há três sóis partira. Ela caminhava docemente para não despertar a criancinha, adormecida como o passarinho sob a asa materna.

Quando chegou junto ao monte grande das areias, viu que o rastro de Martim e Poti seguia ao longo da praia; e adivinhou que eles tinham partido para a guerra. O seu coração suspirou; mas os seus olhos secos buscaram o rosto do filho.

Volta o rosto para o monte Mocoribe:

— Tu és o monte da alegria; mas para Iracema tu não tens senão tristeza.

Voltando para trás, a recente mãe pousou a criança sempre a dormir, na rede do seu pai. Viúva e solitária, no meio da cabana, ela deitou-se ao chão, na esteira onde repousava, desde que os braços do esposo não se tinham mais aberto para recebê-la.

A luz da manhã entrava pela cabana, e Iracema viu entrar com ela a sombra de um guerreiro.

O seu irmão, Caubi, estava em pé na porta.

A esposa de Martim ergueu-se de um ímpeto e saltou avante para proteger o filho. O seu irmão levantou da rede para ela uns olhos tristes, e disse com a voz ainda mais triste:

— Não foi a vingança que trouxe o guerreiro Caubi aos campos dos Tabajaras; ele já perdoou. Foi a vontade de ver Iracema, que trouxe consigo toda a sua alegria.

— Então bem-vindo seja o guerreiro Caubi na cabana da sua irmã, respondeu Iracema abraçando-o.

— O nascido do teu seio dorme nesta rede; os olhos de Caubi gostariam de vê-lo.

Iracema abriu a franja de penas; e mostrou o lindo rosto da criança. Caubi depois que o contemplou durante muito tempo, entre risos, disse:

— Ele chupou a tua alma. (*)

[(*) Uma forma de dizer que era parecido com ela. Criança em tupi é Pitanga (piter = chupar + anga = espírito) pois são seres que existem por terem absolvido uma parte do espírito dos pais.]

E beijou nos olhos da jovem mãe, a imagem da criança, que temia tocar com receio de ofender:

A voz trémula de uma filha perguntou:

— Ainda vive Araquém sobre a terra?

— Ele ainda pena; depois que tu o deixaste a sua cabeça vergou para o peito e não se ergueu mais.

— Diz-lhe que Iracema já está morta, para que ele se console.

A irmã de Caubi preparou a refeição para o guerreiro, e armou a rede da hospitalidade para que ele repousasse das fadigas da jornada. Quando o viajante satisfez o apetite, ergueu-se com estas palavras:

— Diz onde está o teu esposo e o meu irmão, para que o guerreiro Caubi lhe dê o abraço da amizade.

Os lábios suspirosos da mísera esposa moveram-se como as pétalas do cato que um sopro amarrota, e ficaram mudos. Mas as lágrimas debulharam-se dos olhos, e caíram em bagas.

O rosto de Caubi entristeceu-se:

— O teu irmão pensava que a tristeza ficara nos campos que abandonaste; porque contigo trouxeste todo o riso dos que te amavam!

Iracema secou os olhos:

— O esposo de Iracema partiu com o guerreiro Poti para as praias do Acaraú. Antes que três sóis tenham iluminado

a terra ele voltará, e com ele a alegria à alma da esposa.

— O guerreiro Caubi irá espera-lo para saber o que ele fez ao sorriso que morava nos teus lábios.

A voz do Tabajara enrouquecera; o seu passo inquieto volveu a esmo pela cabana.

CAPÍTULO 31

Iracema cantava docemente, embalando a rede para acalentar o filho.

A areia da praia crepitou sob o pé forte e rijo do guerreiro Tabajara, que vinha das bordas do mar depois da abundante pesca.

A jovem mãe cruzou as franjas da rede, para que as moscas não inquietassem o filho acalentado, e foi ao encontro do irmão:

— Caubi vai voltar às montanhas dos Tabajaras! disse ela com brandura.

O guerreiro entristeceu-se:

— Tu despedes o teu irmão da cabana para que ele não veja a tristeza que te enche.

— Araquém teve muitos filhos na sua juventude; uns a guerra levou e morreram como valentes; outros escolheram uma esposa, e geraram por sua vez numerosa prole: filhos da sua velhice, Araquém só teve dois. Iracema é para ele como a rola que o caçador tirou do ninho. Só resta o guerreiro Caubi ao velho pajé, para suster o seu corpo vergado, e guiar o seu passo trémulo.

— Caubi partirá quando a sombra deixar o rosto de Iracema.

— Tal como vive a estrela da noite, vive Iracema na sua tristeza. Só os olhos do esposo podem apagar a sombra no seu rosto. Parte, para que eles não se turvem com a tua vista.

— O teu irmão parte para agradar a tua vontade; mas ele voltará todas as vezes que o cajueiro florescer para

sentir no seu coração o filho do teu ventre.

Entrou na cabana. Iracema tirou da rede a criança; e ambos, mãe e filho, palpitaram sobre o peito do guerreiro Tabajara. Depois, Caubi passou a porta, e sumiu-se entre as árvores.

Iracema, arrastando o passo trémulo, acompanhou-o de longe até que o perdeu de vista na orla da mata. Aí parou: quando o grito da jandaia envolta com o choro infantil a chamou à cabana, a areia fria onde esteve sentada guardou o segredo do choro que embebera.

A jovem mãe suspendeu o filho à teta; mas a boca infantil não emudeceu. O leite escasso não apojava o peito.

O sangue da infeliz diluía-se todo nas lágrimas incessantes que não estancavam dos olhos; nenhum chegava aos seios, onde se forma o primeiro licor da vida.

Ela dissolveu então a alva carimã *(mandioca em massa)* e preparou ao fogo o mingau *(papa)* para nutrir o filho. Quando o sol dourou a crista dos montes, partiu para a mata, levando ao colo a criança adormecida.

Na espessura do bosque está o leito da irara *(tipo de fuinha)* ausente; os tenros cachorrinhos grunhem enrolando-se uns sobre os outros. A formosa Tabajara aproxima-se de mansinho. Prepara para o filho um berço da macia rama do maracujá; e senta-se perto.

Põe no regaço um por um os filhos da irara; e dá-lhes os seios mimosos, cuja teta rubra como a pitanga ungiu do mel da abelha. Os cachorrinhos famintos precipitam gulosos e sugam os peitos avaros de leite.

Iracema curte dor, como nunca sentiu; parece que lhe exaurem a vida, mas os seios vão-se intumescendo; apojaram por fim, e o leite, ainda rubro do sangue, de que se formou, esguicha.

A feliz mãe afasta de si os cachorrinhos, e cheia de júbilo mata a fome ao filho. Ele é agora duas vezes filho da sua dor, nascido dela e também nutrido.

A filha de Araquém sentiu por fim que as suas veias se estancavam; e contudo o lábio amargo de tristeza recusava o alimento que devia restaurar-lhe as forças. O gemido e o suspiro tinham crestado com o sorriso o sabor na sua boca formosa.

CAPÍTULO 32

Descamba o Sol.

O cão Japi sai do mato e corre para a porta da cabana.

Iracema, sentada com o filho no colo, banha-se nos raios do Sol e sente o frio arrepiar-lhe o corpo. Vendo o animal, fiel mensageiro do esposo, a esperança reanimou o seu coração; quis erguer-se para ir ao encontro do seu guerreiro senhor, mas os membros débeis recusaram-se à sua vontade.

Caiu desfalecida contra o esteio. Japi lambia-lhe a mão desfalecida e pulava travesso para fazer sorrir a criança, soltando uns doces latidos de prazer. Por vezes, afastava-se para correr até à orla da mata, e latir chamando o senhor; logo, voltava à cabana para cumprimentar a mãe e o filho.

Por esse tempo pisava Martim os campos amarelos do Tauape; o seu irmão Poti, o inseparável, caminhava ao seu lado.

Oito luas haviam passado desde que ele deixara as praias da Jacarecanga. Depois de vencidos os guaraciabas na baía dos papagaios, o guerreiro cristão quis partir para as margens do Mearim, onde habitava os bárbaros aliados dos Tupinambás.

Poti e os seus guerreiros acompanharam-no. Depois que transpuseram o braço corrente do mar que vem da serra de Tanatinga e banha as várzeas onde se pesca o piau, viram por fim as praias do Mearim, e a velha taba do bárbaro tapuia *(inimigo)*.

A raça dos cabelos do sol cada vez ganhava mais a amizade dos Tupinambás: crescia o número dos guerreiros brancos,

que já tinham levantado na ilha a grande itaoca *(casa de pedra, fortaleza)*, para despedir o raio *(tiro)*.

Quando Martim viu o que desejava, voltou aos campos da Porangaba, que ele agora trilha. Já ouve o ronco do mar nas praias do Mocoribe; já lhe bafeja o rosto o sopro vivo das vagas do oceano.

Quanto mais o seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna e pesado. Tem medo de chegar; e sente que a sua alma vai sofrer, quando os olhos tristes e magoados da esposa entrarem nela.

Há muito que a palavra desertou o seu lábio seco; o amigo respeita este silêncio, que ele bem entende. É o silêncio do rio quando passa nos lugares profundos e sombrios.

Assim que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão, que os chamava, e o grito da ará, que se lamentava. Estavam muito próximos à cabana, apenas oculta por uma língua de mato. O cristão parou calcando a mão no peito para sofrear o coração, que saltava como o poraquê *(espécie de enguia)*.

— O latido de Japi é de alegria, disse o chefe.

— Porque chegou; mas a voz da ará é de tristeza. Achará o guerreiro ausente a paz no seio da esposa solitária, ou terá a saudade matado nas suas entranhas o fruto do amor?

O cristão moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos das árvores, os seus olhos viram, sentada à porta da cabana, Iracema com o filho no regaço e o cão a brincar. O seu coração arrastou-o de um ímpeto, e toda a alma lhe estalou nos lábios:

— Iracema!...

A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com grande esforço, pôde erguer o filho nos braços e apresentá-lo ao pai, que o olhava extático no seu amor.

— Recebe o filho do teu sangue. Chegastes a tempo; os meus seios ingratos já não tinham alimento para lhe dar!

Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu como a jetica *(batata-doce)* se lhe arrancam o bulbo.

O esposo viu então como a dor tinha murchado o seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída da manacá *(uma árvore).*

Iracema não se ergueu mais da rede onde a pousaram os aflitos braços de Martim. O terno esposo, em que o amor renascera com o júbilo paterno, cercou-a de carícias que encheram a sua alma de alegria, mas não a puderam tornar à vida: o estame da sua flor rompera-se.

— Enterra o corpo da tua esposa ao pé do coqueiro que tu amaste. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é tua voz que fala entre os seus cabelos.

O lábio emudeceu para sempre; o último lampejo despediu-se dos olhos baços.

Poti amparou o irmão na sua grande dor. Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura: é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratã, quando o broca o cupim *(térmita).*

O camucim *(túmulo)* recebeu o corpo de Iracema, embebido de resinas odoríferas; e foi enterrado ao pé do coqueiro, à borda do rio. Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo da sua esposa.

A jandaia pousada no olho da palmeira repetia tristemente:

— Iracema!

Desde então os guerreiros Potiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam a voz plangente da ave

amiga, afastavam-se, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia *(ave alegre).*

E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.

CAPÍTULO 33

O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava a sua amiga e senhora.

O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?

***

Poti com os seus guerreiros esperava na margem do rio. O cristão prometera-lhes que voltaria um dia. Todas as manhãs subia ao monte das areias e volvia os olhos ao mar a ver se branqueava ao longe a vela amiga.

Por fim voltou Martim novamente às terras, que foram da sua felicidade, e são agora de amarga saudade. Quando o seu pé sentiu o calor das brancas areias, derramou-se por todo o seu ser um fogo ardente, que lhe queimou o coração: era o fogo das recordações acesas.

A chama só aplacou quando ele tocou a terra onde dormia a sua esposa; porque nesse instante o seu coração transudou, como o tronco do jataí nos ardentes calores, e refrescou a sua pena de lágrimas abundantes.

Muitos guerreiros da sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com ele a mairi *(povoação branca)* dos cristãos. Veio também um sacerdote da sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem.

Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse do seu irmão

branco; por isso quis que tivessem ambos um só deus, como tinham um só coração.

Ele recebeu com o batismo o nome do santo, cujo nome era o dia; e o do rei, a quem ia servir, e sobre os dois o seu, na língua dos novos irmãos - Camarão. A sua fama cresceu, e ainda hoje é o orgulho da terra, onde ele viu a luz primeiro.

A mairi *(povoação branca)* que Martim erguera à margem do rio, nas praias do Ceará, medrou. A palavra do Deus verdadeiro germinou na terra selvagem; e o bronze sagrado ressoou nos vales onde rugia o maracá *(chocalho indígena)*.

Jacaúna veio habitar nos campos da Porangaba para estar perto do seu amigo branco; O Camarão assentou a taba dos seus guerreiros nas margens da Mocejana.

Tempo depois, quando veio Albuquerque (*), o grande chefe dos guerreiros brancos, Martim e Camarão partiram para as margens do Mearim a castigar o feroz tupinambá e expulsar o branco tapuia *(inimigo)*.

[(*) Jerónimo de Albuquerque (1510—1584) foi um administrador colonial português que administrou a região onde é hoje o estado do Ceará e o Rio Grande do Norte.]

Era sempre com emoção que o esposo de Iracema revia as praias onde fora tão feliz, e as verdes folhas a cuja sombra dormia a formosa Tabajara.

Muitas vezes ia sentar-se naquelas doces areias, para sonhar e acalentar no peito a agra saudade.

As jandaias cantavam ainda no olho do coqueiro; mas não repetiam já o mavioso nome de Iracema.

Tudo passa sobre a terra.